



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO ESPECIAL



EDUARDA MEGUMI KAWASE

**REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA PARA  
ALUNOS SURDOS**

São Carlos - SP  
2020

EDUARDA MEGUMI KAWASE

**REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA PARA  
ALUNOS SURDOS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de São Carlos, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação Especial, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lara Ferreira dos Santos.

São Carlos - SP

2020

Kawase, Eduarda Megumi

Revisão sistemática sobre produção de vídeos na escola para alunos surdos  
/ Eduarda Megumi Kawase. -- 2020.

87 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São  
Carlos, São Carlos

Orientador: Lara Ferreira dos Santos

Banca examinadora: Lara Ferreira dos Santos, Cristina Broglia Feitosa de  
Lacerda, Lilian Cristine Ribeiro Nascimento

Bibliografia

1. Educação bilíngue para surdos. 2. Visualidade. 3. Vídeo. I.  
Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

---

Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Eduarda Megumi Kawase, realizada em 27/02/2020:

*Lara Ferreira dos Santos*

---

Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos  
UFSCar

*Cristina Broglia Feitosa de Lacerda*

---

Profa. Dra. Cristina Broglia Feitosa de Lacerda  
UFSCar

*Lara Ferreira dos Santos*

---

Profa. Dra. Lilian Cristine Ribeiro Nascimento  
UNICAMP

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Lilian Cristine Ribeiro Nascimento e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

*Lara Ferreira dos Santos*

---

Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos

### *Agradecimentos*

*À Professora Lara Ferreira dos Santos, pelas orientações,  
paciência e confiança no desenvolvimento deste trabalho;*

*Às Professoras Cristina B. F. de Lacerda e Lilian C. R. Nascimento,  
pelas valiosas contribuições para esta dissertação,*

*E a todos os professores, funcionários e alunos do PPGEEs que direta ou  
indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.*

*À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).*

## **REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE PRODUÇÃO DE VÍDEOS NA ESCOLA PARA ALUNOS SURDOS**

### **RESUMO**

Com mais signos inscritos na visualidade e a disposição do surdo, mais acessível pode ser o processo de aprendizagem. Assim, além de privilegiar a língua de sinais, existe a necessidade de privilegiar o uso de instrumentos que se constituam na e pela visualidade, dessa maneira ressaltamos o vídeo como importante meio a ser utilizado na educação dos surdos. Nessa pesquisa indagamos sobre a existência de produções de vídeos no contexto escolar dos alunos surdos, assim essa pesquisa teve como objetivo investigar dissertações e teses que apresentassem o tema “produção de vídeo na escola para alunos surdos”, em bases de dados eletrônicas, no período de 2005 a 2019. A partir dos objetivos específicos, buscou-se caracterizar as dissertações circunscritas no tema “produção de vídeos na escola para alunos surdos” e descrever e analisar como essas produções de vídeos apresentados nas dissertações tratam a aprendizagem e a formação de conceitos dos alunos surdos com base no referencial teórico histórico-cultural e da visualidade. Os resultados mostraram que a produção de vídeo na escola para alunos surdos vem ocorrendo em algumas realidades. A partir das produções de vídeos apresentadas nos trabalhos, notamos por um lado o uso do vídeo como instrumento que acompanha as atividades dos alunos surdos e do outro como meio que proporciona a aprendizagem. Evidenciamos com o estudo que as produções de vídeos apresentam contribuições à educação dos surdos e que em relação ao auxílio na formação de conceitos científicos, este se desenvolve quando os alunos estão envolvidos no processo de produção dos vídeos, nesse tipo de proposta os alunos participam ativamente da atividade, o que favorece a interação com os pares e com o assunto estudado, bem como o narrar e o registro na primeira língua que possibilita a organização do pensamento através da língua de sinais.

Palavras-chave: Educação especial. Educação bilíngue para surdos. Visualidade. Vídeo. Revisão Sistemática.

## **SYSTEMATIC REVIEW ON VIDEO PRODUCTION IN SCHOOL FOR DEAF STUDENTS**

### **ABSTRACT**

With more signs inscribed in the visuality and the disposition of the deaf, the learning process can be more accessible. Thus, in addition to privileging sign language, there is a need to privilege the use of instruments that are constituted in and by visuality, thus emphasizing video as an important medium to be used in the education of the deaf. In this research we asked about the existence of video productions in the school context of deaf students, so this research aimed to investigate dissertations and theses that presented the theme “video production in school for deaf students”, in electronic databases, in the period from 2005 to 2019. From the specific objectives, we sought to characterize the circumscribed dissertations on the theme “video production at school for deaf students” and describe and analyze how these video productions presented in the dissertations deal with deaf students' learning and concept formation based on the historical-cultural theoretical and visuality. The results showed that video production at school for deaf students has been taking place in some realities. From the video productions presented in the works, we note on the one hand the use of video as an instrument that accompanies the activities of deaf students and on the other as a medium that provides learning. With the study we have evidenced that the video productions present contributions to the education of the deaf and that in relation to the aid in the formation of scientific concepts, this develops when students are involved in the video production process, in this type of proposal students actively participate of activity, which favors interaction with peers and with the subject studied, as well as narrating and recording in the first language, which enables the organization of thought through sign language.

Key-words: Special education. Bilingual education for deaf. Visuality. Video. Systematic review.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Página de busca da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.....	50
Imagem 2 - Campo para filtro por ano da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.....	50
Imagem 3 - Página de busca do Catálogo de Teses e Dissertações.....	51
Imagem 4 - Campo para filtro por ano do Catálogo de Teses e Dissertações.....	51
Imagem 5 - Gravação dos sinais do glossário.....	62
Imagem 6 - Glossário Ciências em Libras – Termos: Coração; Depressão e Dinossauro.....	63
Imagem 7 - Mídia pedagógica: Apresentação, Menu, Partes das Angiospermas e Extras.....	68
Imagem 8 - Sequência da sinalização do texto.....	71
Imagem 9 - Trecho do vídeo em Libras legendado em Língua portuguesa.....	71
Imagem 10 - Produções de vídeos de histórias infantis em Libras.....	72
Imagem 11 - Trechos do vídeo da lenda narrada em Libras.....	74
Organograma 1 - Visão geral dos resultados das buscas nas bases de dados por descritores.....	53
Organograma 2 - Processo de seleção e resultados.....	59
Quadro 1 - Dados dos trabalhos potencialmente relevantes.....	56



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1 - POR UMA EDUCAÇÃO PAUTADA NOS MODOS DE DIZER DO ALUNO SURDO: ASPECTOS DA LÍNGUA E DA VISUALIDADE QUE OS CONSTITUEM</b> .....	17
1.1 LINGUAGEM E USO DE IMAGENS NO DESENVOLVIMENTO DOS SURDOS.....	17
<b>CAPÍTULO 2 – A IMPORTÂNCIA DA VISUALIDADE NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS</b> .....	31
<b>CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO: COMO ENCONTRAMOS AS PESQUISAS SOBRE PRODUÇÃO DE VÍDEO NA ESCOLA PARA ALUNOS SURDOS</b> .....	40
3.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	40
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	44
3.2.1 Delimitação da questão pesquisada.....	44
3.2.2 Escolha das fontes de dados.....	45
3.2.3 Eleição das palavras-chaves/descriptores para busca.....	47
3.2.4 Busca e armazenamento dos resultados.....	49
3.2.5 Seleção pela leitura dos resumos.....	53
3.2.6 Seleção pela leitura na íntegra.....	55
<b>CAPÍTULO 4 - O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE PRODUÇÃO DE VÍDEO NA ESCOLA PARA ALUNOS SURDOS?</b> .....	60
4.1 EVIDENCIANDO AS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DE VÍDEO COM ALUNOS SURDOS.....	76
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	83

## APRESENTAÇÃO

O interesse por pesquisar na área de educação bilíngue para surdos foi incentivado pelos estudos e atividades relacionados à surdez, das quais participei nos anos em que cursei a Licenciatura em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos no período de 2012 a 2015. O contato inicial com a temática da surdez transcorreu nas aulas das disciplinas de “Língua Brasileira de Sinais” e “Procedimentos de Ensino em Educação Especial II: Deficiência Auditiva/ Surdez”.

Para além das interações com as disciplinas ofertadas na grade curricular da licenciatura que abordaram a surdez, cursei disciplinas optativas de “Programa de Ensino de LIBRAS” - módulo II (básico) e módulo III (intermediário). Posteriormente, como atividade de extensão, durante um semestre fui monitora da disciplina “Introdução a Língua Brasileira de Sinais”, na qual acompanhei as aulas de Libras e apoiei os alunos no desenvolvimento das atividades práticas.

Adiante, durante o mesmo período em que participei dos encontros do “Grupo de Pesquisas Surdez e Abordagem Bilíngue”, fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq/UFSCar, período de 2014-2015. A pesquisa desenvolvida em nível de graduação foi realizada sob a orientação da professora Cristina B. F. de Lacerda, intitulada “Opinião de alunos surdos sobre vídeos em língua brasileira de sinais como recurso didático”<sup>1</sup>, a realização do estudo de iniciação científica foi o que motivou essa pesquisa desenvolvida no mestrado, sendo assim, em seguida descrevo-o resumidamente .

A pesquisa desenvolvida na iniciação científica buscou conhecer e analisar as opiniões dos alunos surdos dos anos finais do ensino fundamental em relação à qualidade geral de vídeos produzidos como recursos/estratégias didáticas por professores, tradutores e intérpretes de língua de sinais/língua portuguesa (TILS) e estagiários, na escola com projeto de educação bilíngue para surdos. Os vídeos produzidos por esses profissionais e estagiários foram realizados com a finalidade de auxiliar os alunos surdos nos estudos.

---

<sup>1</sup> O trabalho foi apresentado como pôster na 67ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em 2015 no campus da Universidade Federal de São Carlos. O resumo do trabalho consta nos anais do evento e pode ser acessado através do *link*: [http://sbpcnet.org.br/livro/67ra/resumos/resumos/2919\\_168437bd9114a2e1e0732ecdda730f620.pdf](http://sbpcnet.org.br/livro/67ra/resumos/resumos/2919_168437bd9114a2e1e0732ecdda730f620.pdf)

Os alunos surdos participantes da pesquisa opinaram sobre os vídeos após assisti-los. A realização de um grupo focal proporcionou e organizou esse momento. Salientamos que tanto os alunos surdos que participaram da pesquisa, como os vídeos produzidos, pertenciam à escolas nas quais se desenvolviam um programa de educação bilíngue para surdos (KAWASE, 2015). A partir das análises das opiniões dos alunos surdos sobre os vídeos, pudemos perceber que elas focaram principalmente à importância da fluência na língua de sinais, sobre o enquadramento da imagem e seus componentes, sobre uso de legendas dentro do tempo e o formato do vídeo produzido. Em suma, as opiniões dos alunos surdos sobre os vídeos trouxeram contribuições no sentido de aprimoramento das produções desse tipo de material, indicando a necessidade de um planejamento prévio, para que ele se constitua como um recurso que possa auxiliar mais alunos na aprendizagem.

Para além das sugestões obtidas com as opiniões dos alunos surdos para os vídeos, a pesquisa em nível de graduação apontou outras possibilidades de investigações na temática que pudessem vir a contribuir com a produção de vídeo para alunos surdos, indicando a necessidade de buscar orientações na área da produção fílmica, bem como em normas de acessibilidade, contudo, também em produções científicas com experiências de produção de vídeos voltados para a educação de alunos surdos.

Desta maneira, o interesse da presente pesquisa direcionou-se para a investigação de outras práticas de produção de vídeos para alunos surdos, em produções acadêmicas nos níveis de mestrado e doutorado, dando continuidade aos estudos relacionados ao vídeo no contexto educacional dos surdos e expandindo as discussões sobre essa temática, com vistas também a contribuir com a construção sobre esse conhecimento na área da educação de surdos.

## INTRODUÇÃO

Atualmente vivemos rodeados por tecnologias cada vez mais avançadas, estamos conectados às pessoas e às informações por meio da internet, nos *smartphones*, computadores, *tablet*, enfim, por uma diversidade de aparelhos e aplicativos que vêm influenciando os modos como nos relacionamos uns com os outros, como interagimos com as informações e conseqüentemente, como nos desenvolvemos, aprendemos e ensinamos. Contudo, a escola que é um importante espaço de formação social e intelectual, em relação às tecnologias digitais, ainda enfrenta dois aspectos que dificultam o uso de tecnologias para desenvolver e envolver nas atividades pedagógicas. Um deles diz respeito a professores e gestores pouco preparados para seu uso e o outro é a falta de equipamentos e de acesso a redes de internet de qualidade, que acabam sendo a barreira que não permite um uso mais interessante desses recursos na educação. Esses aspectos fazem com que o processo de ensino e aprendizagem continue ainda pautado em modelos de aulas expositivas utilizando lousa e giz, e materiais didáticos impressos.

Diante do uso das tecnologias e da internet, que vêm promovendo na sociedade diferentes modos de ser e agir, estas ferramentas demandam e exigem que o espaço escolar passe por mudanças. Segundo Moran (2018), a tecnologia e a proximidade com os meios digitais exigem da escola mudanças profundas que a afetam em várias dimensões: infraestrutura, projeto pedagógico, formação docente, mobilidade e avaliação.

E para além das mudanças físicas que envolvem a escola em relação às tecnologias, a mudança também começa e deve acontecer na maneira de pensar das pessoas que constituem a escola. O primeiro passo é a mudança mental e cultural, seguido pelas discussões nos espaços de formação da escola de maneira ampliada, contando com o envolvimento de todos, para pensar e mostrar novas formas de aprender que façam mais sentido aos alunos (MORAN, 2017).

Assim, para além de necessárias, as tecnologias modernas se configuram como um novo modo de abordar os alunos. O uso de tecnologia inclui as ferramentas e as diferentes mídias e linguagens. Sobre as tecnologias e seu uso pedagógico, Moran (2018) afirma que:

As tecnologias digitais hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas. O que faz a diferença não são os aplicativos em si, mas estarem nas mãos de educadores, gestores (e estudantes) com uma mente aberta e criativa, capaz de encantar, de fazer sonhar, de inspirar. Professores interessantes desenham atividades interessantes, gravam vídeos atraentes. Professores afetivos conseguem comunicar-se de forma acolhedora com seus estudantes através de qualquer aplicativo, plataforma ou rede social (MORAN, 2018, p. 2).

Lançar mão do uso de tecnologias na educação é dar abertura a novas formas de ensinar e aprender. E entre as diversas opções de recursos tecnológicos que podem ser utilizados na educação, ressaltamos as práticas pedagógicas que envolvem o uso do vídeo.

Para ilustrar, contar, mostrar, tornar próximos temas complicados – O vídeo pode ajudar a tornar mais próximo um assunto difícil, a ilustrar um tema abstrato, a visibilizar cenários de lugares, eventos, distantes do cotidiano (MORAN, 2009, p. 2).

Sobre o vídeo, o autor também destaca o uso no formato de: videoaulas, na qual podem se organizar conteúdos didáticos; vídeos como produções individuais e coletivas dos alunos, como experiências do filmar, que envolve e incentiva o pesquisar para produzir; vídeos como documento, registro das atividades ou de eventos; e o vídeo como meio possível de avaliação (MORAN, 2009, p. 2).

O vídeo pode proporcionar aos professores e aos alunos diversas possibilidades de atividades e aprendizagem, e ao pensarmos nos alunos surdos e no uso da língua de sinais, a produção e uso de vídeos ganham ainda mais importância, pois mostra-se como um instrumento no qual há a possibilidade de realizar o registro da língua de sinais que está na modalidade viso-gestual.

Mas, será que as escolas que recebem os alunos surdos produzem e usam vídeos? Quais os formatos que tem esses vídeos? Eles privilegiam o uso da língua de sinais? E de que forma eles auxiliam na aprendizagem dos alunos?

Relacionar os vídeos à educação de surdos, inicialmente se dá por nos remetermos à possibilidade do registro de informações/interações na língua de sinais, primeira língua e língua de instrução na qual deve ocorrer a educação dos surdos.

Ao discorrer sobre o processo educacional, não só dos surdos, é de fundamental importância que haja a presença de uma língua que possa promover a construção dos conhecimentos, deste modo, para os surdos a educação bilíngue apresenta-se como o meio mais viável para o seu desenvolvimento e aprendizagem, pois defende a língua de sinais como língua de instrução, respeitando assim a língua como questão cultural (LACERDA, 2000).

A língua de sinais utilizada pelos surdos constitui-se pela visualidade e a partir de uma visão socio-antropológica da surdez a qual caracteriza-se como uma singularidade linguística e cultural dessa comunidade (SKLIAR, 1997). Essa é considerada a língua dos surdos, pela qual interagem com os outros e com o mundo sem nenhum impedimento.

A apropriação e o desenvolvimento de uma língua estão diretamente ligados ao desenvolvimento cognitivo, social e comunicativo de um indivíduo. No caso dos surdos, se apropriar da língua de sinais oferece a eles a possibilidade de se constituírem como sujeitos, assim como ocorre com os ouvintes com a aquisição de uma língua oral. Segundo Lacerda (2013), a linguagem/língua constitui os aspectos cognitivos, emocionais e afetivos das pessoas que se comunicam, além de favorecer a compreensão dos mais diversos conteúdos.

Assim, considerar o vídeo como um material que pode auxiliar de fato a educação dos surdos, se dá, pois através dele é possível trabalhar aspectos da visualidade, meio no qual os surdos apoiam suas interações, entendimento e adquirem diversos conceitos científicos.

Sobre o uso do vídeo na educação dos surdos, a tese de Taveira (2014), intitulada "Por uma didática da invenção surda: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro", que teve como objetivo preencher a lacuna apontada por Lebedeff (2010), sobre quais seriam as práticas pedagógicas advindas da necessidade discursiva da experiência visual da surdez e a quais eventos de letramento visual se referiam os discursos. Entre as práticas pedagógicas sistematizadas no estudo, destacamos as que se referem à produção e ao uso de vídeo catalogados pela autora. Os vídeos tratavam de produções de instrutores surdos e de professores e foram caracterizados pela autora como: vídeo-aulas, vídeo de divulgação, vídeo narrativo, vídeo poético, vídeo como registro e vídeo de humor. Nesses vídeos o uso da língua de sinais teve destaque e era por meio dela que os conteúdos eram abordados, há também a presença de recursos

visuais e uso do português escrito, em alguns casos. Quanto à produção e ao uso da visualidade para o letramento ou alfabetização visual dos surdos, a autora destaca ainda a necessidade de instrumentalização e formação dos profissionais envolvidos na educação dos surdos para tal alcance.

Para além do trabalho de Taveira (2014), conforme já apontado na apresentação dessa pesquisa, nos baseamos também nos resultados destacados na pesquisa de iniciação científica, realizada por mim anteriormente, na qual ressaltou-se as opiniões de alunos surdos em relação aos vídeos produzidos pelos professores, intérpretes e estagiários como recursos didáticos, que entre sugestões para a produções de vídeos para surdos, apontaram que os vídeos são recursos que auxiliam no entendimento dos conteúdos escolares (KAWASE, 2015).

Assim, pensando na educação dos surdos nos diferentes contextos no qual se inserem, nos indagamos sobre a possível existência de outras iniciativas de produção de vídeos no contexto escolar para alunos surdos, chegando à formulação das perguntas que movem esse estudo: Há produções em nível de mestrado e doutorado sobre o tema “produção de vídeos na escola para alunos de surdos” no contexto brasileiro? Quais características apresentam os trabalhos de produção de vídeo para surdos e como eles abordam a temática?

A busca por teses e dissertações indexadas nas bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e do Catálogo de teses e dissertações da CAPES, nos colocou em contato com trabalhos já defendidos dentro dessa temática de produção de vídeos na escola para alunos surdos, possibilitando a investigação do tema, com vistas a sistematizar o conhecimento sobre esse assunto.

Dessa maneira, o presente estudo teve como objetivo geral: Investigar dissertações e teses que apresentam o tema “produção de vídeo na escola para alunos surdos” em bases de dados eletrônicas, no período de 2005 a 2019. E como objetivos específicos: 1) Caracterizar as dissertações e teses circunscritas no tema produção de vídeos na escola para alunos surdos e; 2) Descrever e analisar como as produções de vídeos apresentadas nas dissertações e teses tratam a aprendizagem e a formação de conceitos dos alunos surdos com base no referencial teórico histórico-cultural e visualidade.

Após essa primeira parte do texto na qual introduzimos a temática do nosso estudo, adiante, no primeiro e segundo capítulo expomos nosso referencial teórico,

no qual discorreremos sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, articulando com a importância da visualidade no desenvolvimento e na educação dos surdos.

No terceiro capítulo, apresentamos nosso referencial metodológico e os procedimentos executados na revisão sistemática e os resultados obtidos. No quarto capítulo, articulamos as análises e discussões e por fim, apresentamos as considerações finais, traçando apontamentos e sugestões para futuras pesquisas nessa mesma temática.



# CAPÍTULO 1 - POR UMA EDUCAÇÃO PAUTADA NOS MODOS DE DIZER DO ALUNO SURDO: ASPECTOS DA LÍNGUA E DA VISUALIDADE QUE OS CONSTITUEM

## 1.1 LINGUAGEM E USO DE IMAGENS NO DESENVOLVIMENTO DOS SURDOS

Este capítulo tem como intuito discorrer brevemente sobre os pressupostos teóricos de Vigotski<sup>2</sup> (1984; 2000; 2018) sobre a relação entre linguagem e pensamento e sua importância no desenvolvimento sociocultural dos indivíduos, ressaltando nesse percurso a relevância da imagem para o desenvolvimento dos surdos, articulando o vídeo como instrumento adequado à singularidade linguística e cultural desses sujeitos.

Para Vigotski, o desenvolvimento psicológico e social do homem ocorre com o desenvolvimento das funções psicológicas elementares em funções psicológicas superiores. As funções psicológicas elementares estão ligadas às ações, à percepção. Estas se elevam no processo de modificações que ocorrem no indivíduo, a partir das interações sociais mediadas pelos outros que, com ajuda de instrumentos e dos signos, proporcionam a apropriação dos conceitos.

Entre as funções que se destacam no desenvolvimento, a primeira é a percepção, que se manifesta desde muito cedo na vida da criança. Parte essencial da percepção humana, o que nos diferencia dos animais, é a capacidade de percepção de objetos reais, essa função nos permite para além de **ver** cores e formas, ela está ligada a sentidos e significados, assim é através dela que passamos a compreender o mundo, **reconhecê-lo**. É por esse motivo que quando se olha para o relógio, não vemos apenas algo redondo e preto com dois ponteiros, e sim podemos ver um relógio e nele distinguir os ponteiros um do outro (VYGOTSKY, 1984, p. 37).

Por meio da percepção, desenvolvem-se importantes funções para o amadurecimento cognitivo como a atenção, a memória e a linguagem.

A percepção é parte de um sistema dinâmico de comportamento; por isso, a relação entre as transformações dos processos perceptivos e as

---

<sup>2</sup> No decorrer do texto, ao mencionarmos o autor, optamos pelo uso da grafia *Vigotski*, mas para as referências mantivemos a grafia conforme consta no material que foi consultado.

transformações em outras atividades intelectuais é de fundamental importância (VYGOTSKY, 1984, p. 37-38).

Neste estudo, salientamos a função da percepção visual no processo de desenvolvimento psicológico dos surdos, pois sua constituição se dá apoiada no visual, devido o impedimento do canal auditivo, sua língua discorre na modalidade visuo-gestual. Assim, as interações que impulsionam as aprendizagens e o desenvolvimento, para o surdo deve respeitar a singularidade visual que envolve a língua sinalizada, pois é somente por essa via sensorial que as aprendizagens irão percorrer até chegar ao sinal, diferente do sujeito ouvinte, que além da percepção visual, usufrui da percepção auditiva no seu processo de aprendizagem que leva ao desenvolvimento.

A função dominante no surdo é a percepção visual, pois é por meio visual que ele pode desenvolver a língua e interagir com o meio que vive. A língua de sinais, modalidade de língua visuo-gestual está inserida e se constitui na visualidade. Assim para o surdo, o desenvolvimento das funções psicológicas necessariamente passa pela percepção visual. As mediações no processo de desenvolvimento das funções psicológicas elementares em funções psicológicas superiores para os surdos devem ser/estar numa materialidade condizente com a sua cultura, dessa maneira a língua e quaisquer outros meios utilizados nas interações com surdos devem privilegiar a visualidade.

Quanto mais signos inscritos na visualidade o surdo tiver à sua disposição, mais acessível pode ser o seu processo de compreender, reconhecer e aprender. Sendo assim, além de privilegiar a língua de sinais, para ele faz-se necessário privilegiar o uso de instrumentos que também se constituam na/pela visualidade, por isso ressaltamos o vídeo como um importante meio a ser utilizado na educação dos surdos, pois nesse material/instrumento é que a língua de sinais pode ser registrada, bem como abre-se a outras possibilidades de utilização, formando-se com outros tipos de imagem. Assim, acreditamos que o vídeo se configura como um instrumento que pode auxiliar a interação do surdo com o conteúdo escolar, na compreensão de significados e possibilitando a formação de conceitos científicos.

Interessado no funcionamento intelectual humano, Vigotski procurou descrever e explicar o processo de transformação das funções psicológicas elementares em funções psicológicas superiores. Ele estudou os fenômenos do desenvolvimento psicológico como processo em movimento e em mudança,

atribuindo importância fundamental ao contexto cultural do indivíduo no qual está inserido e com o qual se relaciona, proporcionando o seu desenvolvimento cultural.

Para Vigotski, o homem é um ser constituído pelo contexto que o cerca, e nesse processo de transformação e formação, a linguagem tem papel fundamental, pois é por meio dela que o indivíduo se relaciona com os outros e com os objetos.

No início do desenvolvimento da linguagem, o gesto, o choro, o riso e as primeiras palavras das crianças fazem parte do desenvolvimento pré-intelectual da fala e pré-verbal do pensamento, possuem função social, pois são as primeiras formas com as quais interagem com os outros ao seu redor, entretanto nesse início ainda não se expressa a ligação entre o pensamento e a palavra. Na relação com o outro mais próximo, a comunicação que inicialmente é mais instintiva, passa a ser significada, ganhando sentidos e tornando-se parte de um repertório interno da criança. Assim, o pensamento só passa a ser reconhecido quando externalizado, ou seja, quando há língua para expressá-la. De fato, nas primeiras experiências simbólicas, a criança ainda não dispõe de mecanismos físicos aptos para expor seus desejos, por isso vai “arquivando” esse repertório, que constitui sua linguagem.

O momento que marca o início dos encontros entre o pensamento e a linguagem, ocorre quando a criança descobre que todas as coisas possuem um nome, a palavra passa a servir o pensamento, assim a criança entra no mundo de interação pela comunicação com os adultos, utilizando as mesmas palavras, entretanto, os significados podem não ser os mesmos, pois para as crianças primeiramente as palavras representam algo do objeto, de sua aparência ou função.

Em um dos experimentos realizado por Vigotski com crianças, ele discorre sobre o fato delas explicarem os nomes dos objetos conforme alguma característica específica. As crianças foram questionadas se poderiam trocar o nome de vaca por tinta, e tinta por vaca. A resposta em relação à troca é negativa, com o argumento de que tinta se usa para escrever e a vaca dá leite - nessa fase do desenvolvimento da palavra e do pensamento, mudar o nome do objeto é como mudar seu significado (VIGOTSKI, 2000, p. 418).

A princípio o significado da palavra é referência de algo que faz parte dos objetos que nomeiam. A palavra num primeiro momento não se refere simplesmente a um objeto, e sim a um grupo de objetos, a palavra é uma generalização. “Do ponto de vista psicológico o significado da palavra não é senão uma generalização ou conceito. Generalização e significado da palavra são sinônimos” (VIGOTSKI, 2000,

p. 398). No começo as generalizações são “simples” e conforme vão ocorrendo as aprendizagens, o pensamento vai se tornando mais intelectualizado, realizando generalizações cada vez mais complexas.

As generalizações ocorrem e se estruturam na criança de maneiras diferentes da que acontece conosco, pois ela não inventa sua própria língua. Ela encontra as palavras prontas, subjacentes aos objetos e assimila nossa língua e o significado das palavras nela presentes. Então, a criança relaciona as palavras aos mesmos objetos a que nós as relacionamos. Quando fala “tempo” ou “pessoa”, tem em vista as mesmas coisas que queremos dizer, mas as generaliza de maneira diferente da nossa, com a ajuda de outro ato mental. **Ela ainda não faz as generalizações superiores que chamamos de conceitos; suas generalizações têm caráter mais concreto, mais visual** (VIGOTSKI, 2018, p. 81. Grifos do autor).

As generalizações primeiramente estão ligadas a percepção visual concreta, ou seja, à presença e à aparência das coisas. Em se tratando das palavras, conforme vão evoluindo para generalizações mais complexas, os significados vão se desprendendo dos aspectos concretos e visuais. Todavia, no caso dos indivíduos surdos seu desenvolvimento sempre estará apoiado na visualidade, ou seja, na língua de sinais, dessa forma quando alcança generalizações superiores, o desprendimento do concreto se dá apenas em relação à presença dos objetos e não à visualidade que constitui sua língua e o constitui, e que é base para suas aprendizagens.

Além da importância da linguagem, Vigotski discorre também sobre importância do meio no qual interage o indivíduo que está se formando, esse meio deve oferecer o que se espera como resultado no desenvolvimento; o meio tem papel de fonte de desenvolvimento, ou seja, não diz respeito somente ao ambiente, mas a qualidade e a presença da forma ideal de desenvolvimento que interage com o indivíduo em formação (VIGOTSKI, 2018).

Essa forma ideal é um exemplo que está à disposição do indivíduo em desenvolvimento. No caso da língua, por exemplo, é importante a presença de pessoas que tenham a fala bem desenvolvida para interagir e impulsionar o desenvolvimento dessa função nos sujeitos que estão se formando. Sendo assim, no caso das crianças surdas, é indispensável a interação com outros surdos e também com outros indivíduos que utilizem a língua de sinais. Essas relações irão favorecer o processo de desenvolvimento da língua e conseqüentemente do pensamento.

O desenvolvimento é impulsionado pela curiosidade e pelas perguntas que estabelecem as interações do indivíduo com o meio que vive, com a cultura onde se insere. Nessas interações, a criança vai agregando e modificando os significados e sentidos das palavras/sinal, aprendendo e modificando a maneira de pensar, se desenvolvendo por meio dela. Nessa inter-relação a linguagem passa a ser intelectual e o pensamento verbal. É o salto do desenvolvimento biológico para o sócio-histórico. A criança passa por meio de suas perguntas a apreender os signos que estão relacionados aos objetos, os significados passam a não depender mais do objeto em si, assim ela passa a ser mais autônoma, compreendendo a função simbólica das palavras.

Os significados e sentidos das palavras representam o elo de ligação entre a linguagem e o pensamento. Nessa ligação, a palavra é quem dá materialidade ao pensamento, sem língua o pensamento fica preso, não se expressa.

O significado das palavras só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a *unidade* da palavra com o pensamento (VIGOTSKI, 2000, p. 398).

As palavras possuem significados e estes evoluem, esse fato esclarece o desenvolvimento do pensamento, pois é através da linguagem que o pensamento alcança maior e melhor organização, tornando-se cada vez mais intelectualizado.

Para Vigotski, o significado das palavras é a unidade do pensamento verbal, ou seja, representa a junção do pensamento e da linguagem. Os significados não são apenas associações ou formações rígidas, são formações dinâmicas que se transformam com as diversas formas do funcionamento do pensamento - todo significado é o conteúdo da palavra, é uma generalização. E o sentido está relacionado ao contexto no qual está inserido o indivíduo e também às interações que vive. Sobre o sentido, Góes e Cruz (2006) nos ajudam a compreender:

O sentido é tematizado por Vigotski principalmente para estabelecer distinções e relações entre linguagem interna e externa, as características funcionais e estruturais da fala para o outro e para si. Nessa discussão salienta a significação da palavra no contexto de seu uso e nas condições de interação dos falantes (GÓES; CRUZ, 2006, p. 38).

No desenvolvimento, a fase que antecede o discurso interior é a do discurso egocêntrico. O discurso egocêntrico serve para orientar o pensamento na atividade em busca pela solução para um problema interno. Esse tipo de discurso está voltado para si mesmo, é a fala que acompanha a criança na atividade, que diz em voz alta tudo que está realizando, esse tipo de fala serve para orientar a si mesmo, não é uma fala para outra pessoa. Com o tempo, com a diminuição da vocalização e a abstração dos sons, passa a se pensar nas palavras, o discurso passa a ser interno, passa a orientar e organizar o pensamento por meio de signos.

Vigotski define dois tipos de discurso: o discurso interior e o exterior. Entre eles, a diferença está na função que a linguagem assume: no primeiro a fala é para si, enquanto que, no segundo a fala é para o outro. O discurso exterior se caracteriza por dar materialidade aos pensamentos por meio das palavras, e no discurso interior a palavra volta-se para dentro, para o pensamento (VIGOTSKI, 2000).

O indivíduo se apropria da palavra, o discurso interior representa um maior domínio do pensamento e da linguagem, e dessa maneira ele é capaz de formular seu próprio pensamento e compreender outros.

O autor afirma ainda nas suas conclusões sobre o discurso interior que “o desenvolvimento do pensamento da criança depende do seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem” (VIGOTSKI, 2000, p.149).

As interações dos indivíduos ocorrem através de uma língua em comum, compartilhando signos – sinais, no caso dos surdos – que tem um significado razoavelmente comum estabelecido, entretanto, podem coincidir ou não com os sentidos dos outros com quem interage, por depender das experiências que cada indivíduo vive em relação ao signo em questão.

Sobre significado e sentido, Lacerda (2013) exemplifica usando a palavra “aniversário”, que possui um significado comumente estabelecido, o fato de alguém completar mais um ano de vida, entretanto, para cada membro da interação de uma mesma comunidade, esse mesmo significado pode estar relacionado a diferentes tipos de experiências – pode estar associado a uma festa, solidão, brigas ou a outros momentos.

É a partir da linguagem que pode-se realizar as perguntas que levam a conhecer os objetos na sua totalidade, organizar o pensamento e expressá-lo, a palavra/sinal é o signo mediador do desenvolvimento do pensamento, “é pela

linguagem e na linguagem que se pode construir conhecimentos” (LACERDA, 2013, p.174).

Para que ocorra a formação dos conceitos, é de fundamental importância que exista a língua, pois é por meio dela que ocorrem as interações e uso de signos, contando também com a presença do outro, que nessa interação irá mediar o entendimento de novos significados e sentidos. Esse processo no qual se formam os conceitos, inicialmente manifestam-se externamente e depois o processo passa a ser atividade interna, assim, o indivíduo passa a pensar consigo mesmo e fazer abstrações mais complexas.

A proposição de que a palavra é inicialmente um meio para a construção do conceito remete à questão de que, no princípio, a palavra tem uma participação necessária nas relações da criança com os objetos, em vivências diretas e, mais tarde, a palavra tem um papel de signo, na medida em que os indivíduos passam a conhecer pela própria palavra, através dela, mesmo na ausência do objeto (LACERDA, 2013, p. 174).

Sobre a formação de conceitos pelo aluno surdo, Santos (2014) ressalta que esse processo não ocorre de maneira simples, pois à ausência de uma língua em comum no espaço escolar, pode refletir na dificuldade em aprender os conceitos, assim, a escola tem papel fundamental no desenvolvimento dos surdos.

A formação de conceitos tem relação direta com o uso e significado das palavras, e conseqüentemente, com a forma como são ensinados à criança. A escola instituição responsável pelo ensino sistemático e formal dos conceitos científicos, tem, portanto, um encargo para com o desenvolvimento e aprendizagem da criança, pois esse ensino trata de abstrações, generalizações e coisas que a criança não pode ver ou experimentar diretamente, dependendo desse espaço para ampliar seus conhecimentos (SANTOS, 2014, p. 28).

Sobre a importância da linguagem na aprendizagem e para o desenvolvimento cognitivo e social dos indivíduos, ao ser relacionada com o desenvolvimento dos surdos, nos leva a entender que é necessário que exista, no meio em que a criança surda convive, a forma ideal da língua de sinais, pois a língua na forma ideal é que possibilita a interação necessária para que a criança desenvolva sua língua, e a ausência dessa forma ideal pode comprometer o desenvolvimento, conforme afirma Vigotski:

[...] se lidamos com a ausência de uma forma ideal no meio e falamos apenas com as formas iniciais que interagem entre si, isso significa que o desenvolvimento carrega um caráter extremamente limitado, comprimido e empobrecido (VIGOTSKI, 2018, p. 88).

Assim, devido a particularidade na qual se constitui os surdos, Lacerda (2013) reforça sobre a necessidade de uma linguagem que possibilite a eles a comunicação e, dessa maneira, a interação com os objetos, pois é dessa maneira que os conhecimentos são construídos em sua totalidade.

A linguagem como mediador semiótico precisa em sua forma ser/estar acessível ao indivíduo surdo para que este se aproprie dos conhecimentos, assim a língua para eles deve ser/estar adequada na forma visual, que é o caso da língua de sinais, a língua pela qual os indivíduos surdos efetivamente estabelecem suas relações com o mundo, aprendem e se desenvolvem culturalmente (LACERDA, 2013).

E para além da língua de sinais, há outras formas visuais com potencial de representar e comunicar, por exemplo, com os diferentes tipos de imagens, que se configuram como linguagem, tornando-se possível por meio delas a mediação de aprendizagens.

Na linguagem oral o signo que está a serviço do desenvolvimento do pensamento é a palavra, e na linguagem visual o mesmo pode ser alcançado por meio das imagens. Nas interações que envolvem a língua oral, a parte que “carrega” os significados e sentidos estão presentes nas palavras, enquanto que, na língua visual eles estão nas imagens.

Consideramos o vídeo como instrumento mediador de aprendizagem na educação dos surdos, primeiramente pelo fato de que essa materialidade possibilita o registro da língua de sinais e, pensando além do registro, pode nesse material também circular imagens com o intuito de explorar seus significados e possibilidades, indo além do uso das imagens como ilustração e explorar as possibilidades de representação que esse material e tipo de linguagem proporciona (LEBEDEFF, 2010; LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2013; TAVEIRA, 2014; KAWASE, 2015).

Quando o signo mediador da aprendizagem é a palavra, conhecer seus significados e sentidos é o que provoca o desenvolvimento intelectual, dessa maneira entendemos que esse processo também é possível de acontecer na e pelas



imagens. Assim, ao tratar a imagem como signo nos aproximamos dela como linguagem visual.

Numa perspectiva de conhecer os objetos da parte para que se compreenda o todo, Santaella (2012), defende e demonstra a imagem como possível de ser lida, ou seja, que pode ser compreendida para além do que se olha. E para tal alcance do entendimento das imagens, a autora discute que é necessário desmembrá-la e analisá-la pelas partes que a constituem, apreendendo a sua essência, interpretando-a.

A pertinência de se ressaltar o uso da imagem e a necessidade de introduzi-la como signo mediador de aprendizagem para os surdos está no fato deles estarem imersos em um cotidiano com diversos meios imagéticos, assim como estão todos os indivíduos, mas também pelo fato da língua de sinais estar no campo da visualidade.

Como trabalhar com imagens? Como produzir vídeos? De que maneira esses usos podem auxiliar na aprendizagem do aluno surdo? A busca por informações e instruções por parte dos professores, intérpretes, instrutores surdos e outros envolvidos na educação de surdos para se trabalhar com vídeo também é necessária. Assim, buscar informações em outras práticas semelhantes ou mesmo explorar os conceitos da linguagem visual, são meios que favorecem a instrumentalização dos profissionais envolvidos na educação de surdos para a produção de vídeos.

No território da visualidade, Santaella (2012) discute a imagem no domínio das representações visuais, que são as imagens criadas e produzidas pelos humanos, e são as que mais se adequam ao fato de ensinar e aprender a ler imagens. Essas imagens podem ser: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, imagens cinematográficas, televisivas, holográficas e infográficas (imagens computacionais). Nesse campo de estudo, a autora dá ênfase a interpretação dessas representações, considerando a imagem como capaz de significar e representar para além de sua forma, e é nesse campo que está inserido o vídeo – objeto deste estudo.

As imagens na sua diversidade de formas podem ter diferentes finalidades como, por exemplo, o intuito do registro de um fato, a ilustração de um texto escrito ou lido, bem como podem provocar e aumentar a percepção e sensibilizar o olhar. As imagens simbólicas têm por finalidade representar significados. Segundo

Santaella (2012, p. 31) “toda imagem, no domínio das representações visuais, apresenta múltiplas camadas: subjetivas, sociais, estéticas, antropológicas e tecnológicas”. São nessas camadas que os significados e os sentidos estão presentes e levam os olhos além do que se pode ver; os múltiplos aspectos das imagens estão contidos em seu interior.

Para entender os significados das imagens, é preciso entender o conceito de leitura de imagens, e para isso é preciso falar da alfabetização visual, termo que significa “aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada tem a ver com ela” (SANTAELLA, 2012, p. 95). Para ler imagens é necessário aprender como elas se apresentam e representam a realidade, como elas passam as informações desejadas, como compartilham seus significados.

As imagens possuem diferentes modalidades: primeiro, podem se apresentar como formas puras, abstratas ou coloridas; segundo, assemelhando-se a algo existente ou supostamente existente no mundo - são chamadas de imagens figurativas; e terceiro, as imagens simbólicas que tem por função representar significados (SANTAELLA, 2012, p. 168).

Para a compreensão da imagem é necessário levar em consideração a maneira como e por quem é produzida, quais são os meios disponíveis para sua realização e quais são os significados e as intenções que estão impregnados na imagem que formam seu conteúdo. Assim, Santaella (2012) afirma que “a exploração das referências de uma linguagem implica no exame de suas características internas que a habilitam a apresentar, indicar ou representar o que ela assim o faz. Só então podemos passar para a questão da interpretação” (SANTAELLA, 2012, p.809).

A pessoa que produz uma imagem tem objetivos que pretende alcançar com ela, sendo assim, faz escolhas para melhor representá-la, direcionando o olhar do outro para que não só veja, mas entenda. Essas escolhas não dizem somente sobre para onde se está direcionando o olhar, no sentido físico, mas também para as abstrações. As tomadas de decisões que acontecem nesse processo de como representar algo pela/na imagem demanda um mínimo de entendimento sobre essa linguagem. Um exemplo é dado por Santaella (2012) quando comenta que no caso das fotografias, que possuem toda uma preparação na sua produção, atualmente

estão a cargo de fotógrafos profissionais, pois ressalta que com a chegada das câmeras digitais e dos telefones com câmeras, fotografar se tornou um ato comum e indiscriminado. Entendemos que a crítica da autora tem intenção de mostrar que é necessário aprender como as imagens comunicam, pois só assim é possível utilizá-las como instrumento.

No caso dos vídeos para alunos surdos, quem realiza a produção deve buscar conhecer mais sobre as possibilidades de apresentar e indicar os conteúdos por meio desse material. Isso daria ao vídeo qualidade e ampliaria a possibilidade de auxiliar na formação dos conceitos científicos dos alunos.

O vídeo pode constituir-se com modalidades de imagens diferentes, podendo apresentá-las com intenções figurativas, assim como imagens simbólicas; é um material que pode estar impregnado de sentidos ou não, mas certamente é o instrumento pelo qual se pode registrar a língua de sinais.

Atualmente, vivemos a realidade de um mundo repleto de imagens e concordamos com Santaella (2012) quando afirma sobre a importância e a necessidade do uso da imagem no contexto escolar e nos processos de ensino e aprendizagem que representem, trabalhem a compreensão e o entendimento, indo além do seu caráter ilustrativo. Deve-se ensinar a ler os espaços e as formas que compõem o todo da imagem e da mensagem que ela quer transmitir, e com ela apreender sentidos e significados.

Acreditamos que, assim como a língua oral tem sua expressão registrada pela escrita, a linguagem visual tem a expressão registrada na imagem. São diversos os usos que as imagens podem ter na educação de forma geral, mas o que nos interessa, na educação dos surdos, os diversos tipos de imagens - principalmente os vídeos - são o meio pelo qual se pode registrar a língua de sinais, ou seja, esse instrumento possibilita transmitir e receber informações na sua própria língua. O vídeo é um instrumento que se mostra compatível à singularidade linguística dos surdos.

Um vídeo de uma fábula narrada em língua de sinais possibilita que o surdo leia na sua língua, por exemplo. De maneira semelhante ao livro, o vídeo ao registrar a língua de sinais, pode promover o acesso à informação ou ao conteúdo escolar para o aluno surdo, que por meio dele pode estudar de maneira autônoma.

A importância e a presença da linguagem no processo de desenvolvimento de um pensamento cada vez mais intelectualizado é de fundamental importância. É

preciso que exista um signo que faça a mediação do mundo externo com o mundo interno do pensamento, para que este seja levado a níveis mais elevados. Os diversos tipos de interações e experiências que um indivíduo pode ter fazem parte do que o constitui, tanto no âmbito individual como no social. Os indivíduos se constituem por meio das relações significativas. Sobre esse processo, Freitas (2001) discorre:

O processo de formação do funcionamento mental dá-se à medida em que os sujeitos são afetados por signos e sentidos produzidos nas relações com os outros. As ações humanas adquirem múltiplos significados e sentidos, tornando-se práticas significativas, a depender das posições e dos modos de participação dos sujeitos nas interações. A questão da apropriação relaciona-se com o outro e os diferentes modos de participação desse outro nas práticas sociais. Nessa compreensão, a apropriação não se define como questão de posse ou de domínio individualmente alcançado, mas explica-se como uma questão de pertencer e participar nas práticas sociais. Em tais práticas o sujeito se constitui nas relações significativas (FREITAS, 2001, p. 14-15).

Para o surdo participar das relações significativas e se apropriar delas, deve-se privilegiar a língua de sinais como primeira língua, e o uso de instrumento que favoreçam as interações com essa língua e outros aspectos da linguagem visual.

Acreditamos que o vídeo pode ser um aliado na formação de conceitos; especialmente se considerarmos os diversos obstáculos presentes no desenvolvimento dos sujeitos surdos: diagnóstico tardio da surdez, acesso tardio à língua de sinais, atraso de desenvolvimento, experiências escolares nem sempre positivas. Neste contexto de barreiras com as quais o surdo pode se deparar, o vídeo apresenta-se como um espaço possível de relações entre signos, assim quanto mais signos houver à sua disposição, maiores serão as possibilidades de estabelecer vínculos entre o mundo externo e o interno, e assim entender e transformar as formas do pensamento.

No processo de aquisição do conhecimento, as representações mentais se constituem da materialidade externa, que passa a ser interna, tornando-se signos internos. Essas representações mentais são transformadas e ao mesmo tempo constituídas pela linguagem, imagens e ações, é nessa trama que se insere a construção do conhecimento. Com o foco nas imagens visuais como elementos carregados de significados e como representações mentais, Freitas (2005) discorre:

As imagens oferecem situações, coisas, pessoas que guardam alguma semelhança com outras situações, coisas e pessoas. Transforma-se, ainda, em representações mentais porque ofertam um análogo, seja porque estão no lugar das próprias coisas, como as fotografias, a pintura, por exemplo, seja porque nos fazem imaginar coisas através de outros meios. Por ser irreal, a imagem possui um atributo superior, pois tem o poder de tornar presente algo que está ausente, e que constitui precisamente uma representação mental (FREITAS, 2005, p. 112).

Para Vigotski, na formação de conceitos é imprescindível a presença de um signo que faça a mediação do pensamento, desse modo, a formação do conceito pode ser alcançada tanto pela palavra como pela imagem.

A formação de conceito ou a aquisição de sentido através da palavra é o resultado de uma atividade intensa e complexa (operação com palavra ou signo), da qual todas as funções intelectuais básicas participam em uma combinação original (VIGOTSKI, 2000, p. 168).

Na formação de conceitos, “o momento central de toda essa operação é o uso funcional da palavra como meio de orientação arbitrária da atenção, da abstração, da discriminação de atributos particulares e de sua síntese e simbolização com o auxílio do signo (VIGOTSKI, 2000, p. 236).

Remetendo-nos novamente ao exemplo de um vídeo de uma fábula narrada em língua de sinais, tanto o vídeo como a língua irão auxiliar no processo de formação de conceitos, pois entendemos que neste caso o vídeo configura-se como instrumento e a língua como signo.

Sobre as semelhanças e diferenças entre instrumento e signo, com base em Vigotski, Freitas (2001) nos ajuda a compreender com o seguinte exposto:

1. A analogia básica entre signo e instrumento repousa na função mediadora que os caracteriza. A essência do uso de signo consiste em os homens afetarem o seu comportamento através dos signos. Tanto no signo como no instrumento a função indireta (mediadora) está implicada.
2. A diferença fundamental entre signo e instrumento consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. A função do instrumento é servir como condutor da influência humana nos objetos. Já o signo não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo. Neste caso, o signo é orientado internamente, ou, considerando-se seu papel mais amplamente, está orientado para sujeitos e não para os objetos.
3. Há uma ligação real entre signo e instrumentos, tanto na evolução da espécie humana quanto no desenvolvimento de cada indivíduo. O controle da natureza (instrumentos) e o controle do comportamento (uso de signos) estão mutuamente ligados, assim como a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem, O termo função psicológica superior, ou comportamento superior é utilizado como referência

à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica (FREITAS, 2001, p. 15-16).

A presença de signos mediadores auxilia no desenvolvimento dos conceitos, sendo assim, quanto mais o indivíduo usa e se apropria dos signos e instrumentos, maior e mais provável será seu desenvolvimento cognitivo. No caso do surdo, para além da comunicação e expressão pela língua de sinais, as imagens podem ajudar na extensão dos seus vínculos para a formação de conceitos. Assim, os vídeos que se constituem de imagens, sendo elas figurativas ou simbólicas, podem aumentar a base que sustenta a formação de conceitos, compreende-se assim, que os vídeos se apresentam como materiais que podem potencializar a educação dos surdos.

Assim, para que a educação dos surdos seja realmente efetiva, é necessário que a escola proporcione mudanças nos meios e modos de ensinar, ressaltando a importância de instrumentos que tornem a aprendizagem do aluno surdo mais autônoma.

Os alunos surdos em contato com o vídeo podem ter a sua aprendizagem potencializada, o que pode auxiliar na formação de conceitos, ocasionando mudanças não apenas em si próprio, mas também nas relações sociais e culturais, que passa a influenciá-lo de uma nova maneira.

No capítulo 2, discorreremos sobre a importância dos aspectos da visualidade na educação dos surdos, apontando os direitos dos surdos em relação a uma educação bilíngue na qual sua singularidade linguística seja respeitada.

## **CAPÍTULO 2 - A IMPORTÂNCIA DA VISUALIDADE NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS**

Em todo processo educacional é imprescindível a presença de uma língua com a qual o aluno possa interagir com seus professores, com seus pares e com os conteúdos escolares. É através da língua que se torna possível construir os conceitos científicos. No caso dos alunos surdos, a língua de sinais é a modalidade linguística mais adequada à singularidade cultural que possuem.

No Brasil, através da Lei nº 10.436/2002, a Libras (Língua Brasileira de Sinais), passou a ser reconhecida como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas (BRASIL, 2002).

Tendo a Libras como meio legal de comunicação, a inclusão das pessoas surdas na educação deve estar adequada a essa singularidade. Assim, com objetivo de regulamentar as disposições da Lei 10.436/2002, o Decreto nº 5.626/2005, traz em seu texto as garantias e direitos específicos das pessoas surdas à educação bilíngue (BRASIL, 2005).

A definição do conceito de educação bilíngue é complexa, pois pode haver variação a depender do contexto em que se aplica, a depender dos aspectos que envolvem a comunidade em que se insere, dos interesses e agentes envolvidos, do *status* econômico e social dos sujeitos que integram, se tratam de grupos minoritários ou não, se possuem ou não regulamentação para seu funcionamento - além de passar pelo prestígio das línguas utilizadas, e como os meios de comunicação a compreendem (MEGALE, 2019). A autora considera como educação bilíngue, no que abrange seu limite linguístico, o tipo de educação que:

[...] é concebida como o desenvolvimento multidimensional das duas ou mais línguas envolvidas, a promoção de saberes entre elas e a valorização do translinguar como forma de construção da compreensão de mundo de sujeitos bilíngues (MEGALE, 2019, p.5).

Segundo o Decreto nº 5.626/2005, escolas ou classes de educação bilíngue são aquelas nas quais a Libras e a Língua Portuguesa na modalidade escrita sejam utilizadas como língua de instrução no decorrer de todo o processo educacional (BRASIL, 2005).

Sobre a educação bilíngue para surdos, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, o texto sugere que essa modalidade de educação seja ofertada em

escolas e/ou classes bilíngues, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Já nos anos finais do ensino fundamental, ensino médio e/ou educação profissional, o ensino pode ocorrer tanto em escolas bilíngues como em escolas comuns da rede regular de ensino, com professores cientes da singularidade linguísticas dos alunos surdos e a presença de tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa, (BRASIL, 2005).

Além de prever que na educação dos surdos haja profissionais qualificados para trabalhar com as singularidades linguísticas desse grupo, o decreto 5626/2005 indica para esse tipo de educação o provimento e disponibilização de equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, além de recursos didáticos (BRASIL, 2005).

De uma maneira melhor explicitada, Lacerda (2000) apresenta o que se propõe numa abordagem de educação bilíngue para surdos; nesse tipo de educação, o aluno

[...] deve ser exposto o mais precocemente possível a uma língua de sinais, identificada como uma língua passível de ser adquirida por ele sem que sejam necessárias condições especiais de “aprendizagem”. A proposta educacional que envolve a língua de sinais permite o desenvolvimento rico e pleno de linguagem, possibilitando ao surdo um desenvolvimento integral. A proposta de educação bilíngüe defende, ainda, que também seja ensinada ao surdo a língua da comunidade ouvinte na qual está inserido, em sua modalidade oral e/ou escrita, sendo que esta será ensinada com base nos conhecimentos adquiridos por intermédio da língua de sinais (LACERDA, 2000, p.73).

As diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, em relação à educação dos alunos surdos, a apresenta fazendo referência a Lei nº 10.436/2002 e ao Decreto nº 5.626/2005, e em seu texto estabelece que a inclusão dos alunos surdos nas escolas comuns seja desenvolvida através da Libras e da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita. Aponta também a necessidade de disponibilidade de serviços dos tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola. Estipula também que o atendimento educacional especializado deve ser ofertado tanto na modalidade oral e escrita, quanto na língua de sinais, além de indicar que, na medida do possível, os alunos surdos estejam na escola regular com outros pares surdos em suas turmas (BRASIL, 2008).



Em relação ao conceito de educação bilíngue para surdos, o Decreto nº 5.626/2005 e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva apresentam sentidos diferentes, pois, enquanto no Decreto a Libras tem centralidade no processo educacional, entendendo a língua como determinante para o desenvolvimento e aprendizagem, na Política ela tem caráter instrumental e não linguístico (LODI, 2013).

Embora o direito dos alunos surdos à educação bilíngue seja também reconhecido no documento da Política de Educação Especial, tal educação é caracterizada como “o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais” (BRASIL, 2008, p. 11), além de haver o ensino da língua portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para os alunos surdos. Assim, de forma contrária ao disposto no Decreto, a Política, ao orientar sobre a educação de alunos surdos, não deixa claro qual língua deverá ser utilizada pelo professor nas salas de aula inclusivas (língua portuguesa ou Libras), desconsiderando o fato de ser impossível o uso de ambas concomitantemente. Infere-se, pelo discurso utilizado, que a língua portuguesa em sua modalidade oral seja aquela utilizada pelo professor, a língua de interlocução nas salas de aula, logo aquela responsável pela mediação dos processos de ensino e de aprendizagem dos alunos (LODI, 2013, p. 55).

Essas diferenças nos conceitos sobre educação bilíngue indicam contradições entre as políticas de acesso, que impedem o direito a uma educação que preza pelo uso da Libras como língua de instrução seja garantido a todos os sujeitos surdos. Desta maneira, continuamos tendo como realidade o fato de que nem toda a população surda tem a oportunidade de acessar escolas com modelos de educação bilíngue que atendam às singularidades linguísticas, curriculares, sociais e culturais desse grupo. As propostas educacionais bilíngues ainda são insuficientes e acontecem de maneira isolada, além do fato das discussões nessa temática ainda serem recentes (LACERDA; LODI, 2012; LACERDA; SANTOS; MARTINS, 2016).

Diante do que se tem garantido legalmente e com base no conceito de educação bilíngue para surdos, ressalta-se a importância da língua de sinais como língua de instrução no processo educacional, pois só por meio desse respeito linguístico e cultural os alunos surdos poderão ter uma educação que de fato promova sua aprendizagem e desenvolvimento.

A língua de sinais é uma língua inscrita na modalidade visual, característica que marca o modo de dizer, pensar e ser dos surdos. A experiência visual dos surdos é um traço da sua cultura. Assim, com intenção de melhor compreender a

importância dos aspectos visuais dos surdos, trazemos concepções sobre a visualidade como constitutiva do sujeito surdo, e também sobre o processo de ensinar e aprender voltado a esse grupo.

Sobre a visualidade, a autora Campello (2018), pioneira no campo da educação de surdos na discussão sobre esse assunto, foca a visualidade como aspectos da cultura, língua e signos visuais que se apoiam em imagens visuais e na percepção, aspectos esses que se sobrepõem a qualquer meio composto pelo visual, o que inclui o cinema, o vídeo e a internet, por exemplo, mas não que esses outros meios não possam vir a contribuir com o desenvolvimento da visualidade dos surdos (CAMPELLO, 2008, p. 125).

Campello (2008) aborda os aspectos da visualidade na educação de surdos, denominada como pedagogia surda, que se ergue sobre os pilares da visualidade e tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender. Para a autora, não se importar com as questões visuais dos surdos pode acarretar em dificuldades de apropriação dos conteúdos/conhecimentos pelos mesmos.

Assim, ela aponta a importância de materiais produzidos em Libras e por pessoas surdas como aspecto relevante na formação da identidade dos alunos surdos. Também sugere utilizar de toda a potência dos signos visuais que estão relacionados à língua de sinais, que são as expressões faciais e corporais, com a intenção de descrever algo ou alguma situação com o máximo de detalhes, oferecendo maior possibilidade de entendimento dos significados.

A autora também indica a utilização de filmes e outros tipos de imagens como fotos e desenhos, cores, criando possibilidades no desenvolvimento visual; nesta proposta de trabalho com os recursos de imagens, ela vê também a possibilidade de treinar a visualidade considerando que o desenvolvimento se dá por meio das percepções (CAMPELLO, 2008).

O caráter visual dos surdos ainda é bastante tratado numa perspectiva na qual a surdez é vista como falta, nessa compreensão esse caráter visual assume um papel de compensação à audição, levando à ideia de que os surdos desenvolvem/possuem uma alta percepção pelo canal visual. Essa ideia é bastante recorrente nos discursos científicos da área clínica, mas também é possível perceber que essa ideia permeia inclusive os espaços de educação bilíngue para surdos, que assumem a língua de sinais como primeira língua e língua de instrução, mas que em

suas práticas pedagógicas continuam seguindo a lógica do ensino para ouvintes (PELUSO; LODI, 2015).

Peluso e Lodi (2015) chamam a atenção para que o caráter visual do surdo não seja entendido como algo comum ou sem importância, no qual não considera a importância da língua e da cultura na constituição dos sujeitos surdos. Para os autores o caráter visual ou a visualidade do surdo é constitutiva da sua subjetividade e da maneira como organizam a realidade. Para os autores essa concepção banalizada da visualidade sustenta achar que essa “pode e deve ser construída pedagogicamente, como um recurso ou instrumento didático para possibilitar a aprendizagem dos estudantes surdos” (PELUSO; LODI, 2015, p. 62).

A visualidade dos surdos está relacionada diretamente à materialidade da língua de sinais que está apoiada no canal visual e, dessa maneira faz parte da particularidade linguística desse grupo, pois é no plano visual que o surdo organiza seus modos de pensar e dizer e vice-versa (PELUSO; LODI, 2015). Essa é a concepção exposta pelos autores que, apoiados pelas teorias nas quais as relações entre linguagem e pensamento determinam a constituição do ser humano, consideram a visualidade dos surdos como uma experiência de vida, constitutiva das subjetividades e da maneira como organizam sua realidade (PELUSO; LODI, 2015).

Se levarmos em conta, então, que as línguas de sinais organizam uma materialidade visual-espacial no plano significativo, que por sua vez determina as formas de dizer, fica claro que, seguindo essas hipóteses da relação entre pensamento e linguagem, a ideia de visualidade dos surdos assume uma nova dimensão. A partir desses sinais, os surdos são visuais, não porque amplificaram esse sentido ou porque por não ter audição desenvolvem uma cultura centrada no visual, mas porque, principalmente, falam uma língua visual, enunciam seus textos no plano espacial e seu pensamento tem sido afetado por categorias de uma língua cujo significativo organiza uma materialidade visual-espacial (PELUSO; LODI, 2015, p. 69, tradução nossa).

No entanto, no caso dos surdos com aquisição tardia da língua de sinais a realidade se apresenta de maneira diferente, pois o atraso na linguagem reflete em barreiras de comunicação e linguísticas, proporcionando experiências visuais com sentidos que não são nomeados, significados pelo outro de maneira acessível.

Os autores apontam que uma educação condizente com a singularidade dos surdos, é aquela em que a língua de sinais é tida como central no desenvolvimento, podendo assim construir sua visualidade e desenvolver-se cognitivamente (PELUSO; LODI, 2015).

Peluso e Lodi (2015), apontam ainda que o problema da educação dos surdos está nas práticas pedagógicas, mesmo as que se consideram bilíngue, que não levam em conta os modos de dizer visual do surdo que são específicos da sua língua, e que o uso de recursos visuais (fotos, vídeos, mapas e etc.) utilizados para apoiar o ensino, não resolvem o problema da aprendizagem dos alunos surdos.

Concordamos que a língua de sinais deve ser privilegiada na educação dos surdos e que ela proporciona a constituição do sujeito. A visualidade está na língua de sinais, mas não só nela, sendo assim entendemos que **ver** pode ser ensinado, tanto ao surdo como ao ouvinte, e que os usos dos recursos visuais podem auxiliar e muito na educação. Assim, ao utilizar a visualidade da língua atrelada a mais signos que se constituam pela visualidade, é possível ampliar a compreensão dos signos pelos surdos, o que vai ao encontro com o que expõe Campello (2008) quando aponta que a visualidade pode ser exercitada por outros meios visuais.

É possível compreender a visualidade dos surdos para além da sua língua de sinais, considerando-a dentro da linguagem visual, entendemos que o conhecimento pode ser mediado para além da língua de sinais, ressaltando a importância de explorar mais sobre outros tipos de representações visuais na educação de surdos. A linguagem visual serve-se da imagem como instrumento, ou seja, a imagem é um veículo sógnico, meio pelo qual é possível proporcionar conhecimento de alta ou baixa qualidade, assim como se aplica à escrita, à música ou linguagem oral. Configura-se como um recurso imprescindível no trabalho pedagógico, que deve ser utilizado não de maneira aleatória, mas com planejamento; o educador deve selecionar as imagens com o mesmo cuidado que seleciona textos de boa qualidade, dessa maneira faz-se necessário também conscientizar os educadores sobre esse instrumento (REILY, 2004).

Assim como ocorre na linguagem verbal, a chave da significação não está na percepção sensorial, mas, sim, no movimento de síntese e de interpretação. É preciso avançar além da análise de detalhes e elementos pictóricos contidos numa imagem para sintetizar o sentido geral que o artista pretende comunicar (REILY, 2004, p. 29).

Reily (2004) aborda essas estratégias de utilização de imagem na escola, principalmente na escola inclusiva, campo de pesquisas da autora que traz exemplos bastantes viáveis da imagem na escola, como o de esquemas visuais para a organização de informações verbais (diagramas, mapas conceituais e outros),

imagens acompanhadas de descrição de seus elementos e significados (obras de artes, ilustrações e mapas), e imagens em movimento (vídeos, filmes, tv).

A utilização dessas práticas na educação deve ser reforçada, de forma a superar a velha ideia que se tem do uso de imagens voltado apenas para crianças que não sabem ler. Reily (2004) comenta sobre as possíveis razões do uso limitado de imagens no espaço escolar, que elas estariam atreladas à tradição do uso de imagens prontas, somente com o objetivo de ilustrar o texto. Ainda chama a atenção dos profissionais envolvidos com a educação para que exijam a circulação de imagens visuais de melhor qualidade na escola, tanto no sentido material físico, como na variedade de imagens visuais que possam estar acessíveis a todos os alunos.

Compreende-se que o planejamento pedagógico para uso da imagem na educação é de fundamental importância, já que a intenção deve ser proporcionar o entendimento dos significados que estão empregados nos materiais visuais. Na interação aluno-imagem, o que se pretende com a imagem e a interpretação do aluno podem não coincidir, por isso, deve fazer parte do planejamento do professor pensar a maneira que essa relação de aprendizagem será mediada também por ele mesmo.

Sobre o uso de imagens na escola, Santaella (2012) aponta que essa prática significa desenvolver a leitura de imagens de maneira sistematizada. Esse processo desenvolve ver e compreender o que as partes que formam a imagem como um todo querem transmitir. E ainda que a escola tenha uma ideia presa ao texto escrito, atualmente no contexto que vivemos rodeados de imagens por todos os lados, é plausível e necessário a imagem ganhar “importância cognitiva que merece nos processos de ensino e aprendizagem” (SANTAELLA, 2012, p. 104).

O uso do vídeo na educação dos surdos possibilita registrar e transmitir informações na língua de sinais, assim como pode se transmitir significados através de outros elementos que podem ser agregados a esse material, como esquemas, fotos, figuras e texto escrito, ampliando as formas de mediar a aprendizagem dos surdos por meio da visualidade.

Neste sentido, Lacerda, Santos e Caetano (2013, p. 186) afirmam que “para favorecer a aprendizagem do aluno surdo, não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso explicar os conteúdos de sala de aula utilizando toda potencialidade visual que essa língua tem”.

E em relação às estratégias pedagógicas envolvendo a visualidade na educação dos surdos e a partir de uma compreensão da surdez como uma diferença linguística e cultural, Lebedeff (2010) aponta que a educação dos surdos deveria ser essencialmente visual, devido a materialidade visual da língua de sinais. A autora salienta a necessidade de instrumentalizar o professor surdo e/ou ouvinte, pois ressalta que esses não costumam desenvolver propostas educativas baseadas na visualidade da surdez.

Lebedeff (2010) aborda o letramento visual para surdos por considerar que esses possuem seus próprios modos de serem visuais, assim estuda estratégias visuais de leitura e compreensão do mundo, ressaltando que discutir letramento para surdos requer pensar em práticas culturais e sociais, “pensar em como os surdos leem e interpretam o mundo a partir de suas singularidades linguísticas e culturais; pensar em como os surdos utilizam social e culturalmente a língua escrita” (LEBEDEFF, 2010, p. 179).

Vale ressaltar que letramento visual não se trata de uma simples adaptação de didáticas para a leitura e sim é uma área que pensa numa pedagogia voltada à surdez. No letramento visual necessita-se que as práticas sejam intencionais, neste sentido, Lebedeff (2010) idealizou oficinas para a discussão e problematização das práticas pedagógicas, partindo da concepção de que a imagem pode ser lida e interpretada como um texto, e também como é possível utilizar recursos visuais para melhor compreender um texto.

As práticas apresentadas na oficina de letramento visual para os professores surdos, propostas por Lebedeff (2010), abordaram como estratégias gráfico em árvore, gráfico em teia (web), tabelas, mapa de história e história em quadrinhos. Segundo a autora, a partir desses exemplos, essencialmente simples, abrem-se espaços para muitas outras possibilidades e atividades em sala de aula, além de chamar a atenção para a empatia no momento de pensar em como possibilitar leitura e compreensão de mundo àqueles que prescindem da audição. Essas e outras práticas devem ser incentivadas nas escolas, não como recursos de apoio, mas ocupando espaço central na organização pedagógica do ensino para surdos.

Este capítulo teve como intenção discutir um pouco sobre a importância da visualidade e uso de imagens no contexto escolar desses, como meio de favorecer o processo de ensino e aprendizagem, mas também como forma de respeitar à singularidade que os constituem.

Assim, a partir do que expusemos no primeiro e segundo capítulos desse estudo, pretendemos analisar e discutir os vídeos produzidos na escola para alunos surdos apresentados nas dissertações e teses que compuserem o *corpus* final da pesquisa.

## **CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO: COMO ENCONTRAMOS AS PESQUISAS SOBRE PRODUÇÃO DE VÍDEO NA ESCOLA PARA ALUNOS SURDOS**

Conforme já mencionado na apresentação deste trabalho, esse estudo teve como ponto de partida os resultados do trabalho de iniciação científica desenvolvido pela autora deste estudo (KAWASE, 2015), o qual mostrou através da opinião de alunos surdos, que as iniciativas de produção de vídeos em Libras configuram-se como um importante material na educação de surdos pelo fato de auxiliarem na melhor compreensão dos conteúdos escolares.

A partir dessas iniciativas de produções de vídeos para alunos surdos tratados em estudo anteriormente realizado (KAWASE, 2015), bem como a partir das iniciativas de práticas pedagógicas que envolvem a produção de vídeos para educação de surdos apresentados no estudo de Taveira (2014), nos questionamos sobre a existência de outros trabalhos que tratem de produções de vídeos realizados na escola que estejam voltados para a educação dos surdos.

Optamos buscar as teses e dissertações, a fim de saber o que tem sido produzido nos programas de pós-graduação brasileira acerca do tema “produção de vídeo na escola para educação de surdos”. Esses formatos de trabalhos foram escolhidos pois possuem um maior aprofundamento e sistematização dos detalhes do assunto pesquisado.

### **3.1 NATUREZA DA PESQUISA**

As pesquisas que buscam conhecimento sobre determinado assunto caracterizam-se como estudo bibliográfico; nesse tipo de estudo o pesquisador entra em contato com todo o material existente sobre o tema desejado, abrangendo o uso de livros, publicação e periódicos, filmes, relatórios de conferências e outros (GIL, 2002; LAKATOS; MARCONI, 2003).

Esse tipo de pesquisa está presente como parte constituinte e/ou etapa de quase toda pesquisa, conhecida como revisão de literatura ou bibliográfica, no entanto, “há pesquisas que se constituem exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” (GIL, 2002, p. 44).



Um exemplo de produção acadêmica que realizou pesquisa bibliográfica no campo da educação de surdos é visto no estudo de Ramos (2017), que apresentou em sua tese um panorama sobre educação de surdos por meio de teses e dissertações produzidas no Brasil entre 2010 e 2014.

A tese intitulada “Educação de Surdos: estudo bibliométrico de teses e dissertações (2010-2014)”, teve como objetivo elaborar o estado do conhecimento sobre a educação de surdos com base em pesquisas acadêmicas nacionais de mestrado e doutorado, no período de 2010 até 2014, com intenção de examinar o significado, o papel e o alcance da pesquisa desenvolvida nesse campo de investigação.

Metodologicamente a autora trilhou o seguinte procedimento para o levantamento da literatura: 1) definição da fonte de dados; 2) delimitação da busca por um período; 3) escolha dos termos para busca; 4) busca; 5) critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos; 6) leitura dos trabalhos selecionados; 7) organização dos dados segundo parâmetros bibliométricos.

A pesquisa teve como fonte de dados a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, na qual buscou os trabalhos com o termo “educação de surdos”, compreendendo os campos de busca: resumo, título, assunto e ano de defesa. Os critérios de inclusão utilizados foram: os trabalhos estarem dentro do período de 2010 a 2014, apresentarem o termo de busca no título, resumo e assunto, e disporem acesso ao texto completo. E os critérios de exclusão foram trabalhos repetidos, não disponíveis e que os que não se adequavam ao escopo da pesquisa. Assim, de 124 teses e dissertações, após passarem pelos critérios de inclusão e exclusão, obteve um corpus de 70 dissertações e teses.

A natureza bibliométrica desse estudo de Ramos (2017) compreendeu medir e avaliar as produções científicas por meio de um conjunto de técnicas quantitativas e estatísticas. A análise bibliométrica dos trabalhos, seguiram os parâmetros de: distribuição temporal; nível de formação; distribuição geográfica; instituição; área do conhecimento e programa de pós-graduação; financiamento; autoria, orientação e gênero; perfil dos autores; concepção de surdez; lugar da educação de surdos; delineamento metodológicos; temas e principais resultados e considerações.

Das 62 dissertações de mestrado e 8 teses de doutorado analisadas pela autora, as produções apresentaram maior concentração nas regiões Sudeste e Sul do país, em programas de pós-graduação pública, tendo como destaque a

Universidade Federal de São Carlos, e nas áreas de Ciências humanas e linguística, Letras e Arte e carência de bolsas de pós-graduação. Pôde ressaltar também a prevalência de mulheres como autoras e orientadoras, e a presença de cinco autores surdos. As concepções dos trabalhos estiveram pautadas a maior parte na perspectiva socioantropológica da surdez, abordando os temas: inclusão, linguagem, intérprete educacional, formação de professores e escola/educação bilíngue. Os trabalhos analisados utilizaram pesquisas com métodos e técnicas qualitativas e que focaram as escolas regulares inclusivas, os alunos surdos e ouvintes, professores ouvintes, intérpretes educacionais e a equipe gestora. Em relação ao lugar mais apropriado para acontecer a educação do surdo, tanto a escola regular, como a escola/classe específica para surdo foram apontadas, com números de trabalhos equivalentes nas duas modalidades, evidenciando que ainda há controvérsias nesse âmbito. Os principais resultados e considerações das teses e dissertações evidenciam fragilidades no atendimento educacional dos alunos surdos, principalmente em contexto regulares.

Em suma, a pesquisa de Ramos (2017) destaca os estudos na área da educação de surdos, evidenciando os assuntos discutidos pelas pesquisas científicas nessa área e apontando a existência de lacunas a serem preenchidas com mais investigações que indiquem melhorias na qualidade da educação dos surdos, dessa forma, reforça a pertinência do desenvolvimento de estudos de revisão.

Sobre os estudos de revisão, esses vêm das diversas áreas de conhecimento e apresentam-se com uma variedade de denominações: levantamento bibliográfico, revisão de literatura, revisão bibliográfica, estado da arte, revisão narrativa, estudo bibliométrico, revisão sistemática, revisão integrativa, meta-análise, metassummarização e síntese de evidências qualitativas (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

Além da diversidade de denominações dos estudos de revisões, eles também apresentam finalidades diferentes, conforme apresentado por Vosgerau e Romanowski (2014), que a fim de entender a relação existente nos estudos de revisões, traçaram diferenças e semelhanças nesse tipo de estudo, agrupando os diferentes tipos de revisões em dois grupos: estudos de revisões que mapeiam, e revisões que avaliam e sintetizam.

Em síntese, os estudos de revisões que mapeiam têm por finalidade central o levantamento de indicadores que forneçam caminhos ou referências teóricas. Classificam-se nesse tipo de revisão os estudos de levantamento bibliográfico, revisão de literatura ou bibliográfica, revisão narrativa, estado da arte ou do conhecimento e revisão bibliométrica. E os estudos que avaliam e sintetizam se diferenciam das revisões que mapeiam na formulação da questão a ser pesquisada, na estratégia e avaliação crítica, e na exigência da transparência para estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão dos estudos, que por sua vez devem ser primários, coletados pelo próprio pesquisador. Estão circunscritos nesse tipo de estudo: revisão sistemática, revisão integrativa, síntese de evidência qualitativa, metassíntese qualitativa, meta-análise e metassumarização (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

Em busca de construir conhecimento sobre o tema “produção de vídeo na escola para alunos de surdos”, optamos por realizar uma revisão sistemática, pois esse tipo de estudo caracteriza-se por utilizar fontes de dados da literatura sobre determinado tema, pressupondo a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

Nos estudos de revisão sistemática analisa-se como vantajoso o fato de poder no mesmo trabalho analisar o espectro de determinado assunto, e como desvantagem depender da qualidade dos resultados dos trabalhos resgatados na busca, ou seja, nas fontes primárias, no entanto vantagens e desvantagens são vistas nos mais diversos tipos de métodos utilizados em pesquisa (SAMPAIO; MANCINI, p. 84, 2007).

Entretanto, para evitar as desvantagens desse tipo de trabalho, Sampaio e Mancini (2007) apontam a importância de seguir o método com o máximo de rigor e para isso, sugerem que sejam seguidas três etapas: 1) definição do objetivo da revisão; 2) identificação da literatura; e 3) Seleção dos estudos possíveis de serem incluídos (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

As etapas e suas descrições nesse tipo de estudo são de fundamental importância, é o que o caracteriza como método, pois todo o desenvolvimento de busca e seleção das produções devem ser passíveis de reprodução. Esse rigor no método busca superar possíveis vieses que o pesquisador possa apresentar na busca sobre um tema (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Todo o procedimento adotado para uma pesquisa deve ser descrito e explicado com detalhes, e a fim de organizar o desenvolvimento de uma pesquisa de revisão sistemática e a sua descrição, lançamos mão do procedimento proposto por Costa e Zoltowski (2014). Nesse tipo de procedimento, os autores indicam oito etapas a serem seguidas, a saber: 1) delimitação da questão a ser pesquisada; 2) escolha das fontes de dados; 3) eleição das palavras-chave para a busca; 4) busca e armazenamento dos resultados; 5) seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão; 6) extração dos dados dos artigos selecionados; 7) avaliação dos artigos; e 8) síntese e interpretação dos dados.

Explícito a maneira como iremos organizar e descrever essa pesquisa, apresentamos seus objetivos:

Objetivo geral: Investigar dissertações e teses que apresentam o tema “produção de vídeo na escola para alunos surdos” em bases de dados eletrônicas, no período de 2005 a 2019.

Objetivos específicos: 1) Caracterizar as dissertações e teses circunscritas no tema produção de vídeos na escola para alunos surdos; e 2) Descrever e analisar como as produções de vídeos apresentados nas teses e dissertações tratam a aprendizagem e a formação de conceitos dos alunos surdos pelo olhar dos autores do referencial teórico histórico-cultural e visualidade.

### 3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a construção dessa investigação optamos por nos aproximar dos procedimentos de revisão sistemática indicados por Sampaio e Mancini (2007); e Costa e Zoltowski (2014). Desta forma, descrevemos a seguir como realizamos as buscas e organizamos as informações encontradas sobre o assunto “produção de vídeos na escola para alunos surdos”.

#### 3.2.1 Delimitação da questão pesquisada

A definição e delimitação da questão a ser pesquisada é parte fundamental de uma revisão sistemática, para isso, faz-se necessário pensar na relação dos conceitos a serem investigados (COSTA; ZOLTOWSKI, 2014).

A questão desta pesquisa foi motivada a partir de um trabalho de Iniciação científica, desenvolvida por mim anteriormente, Kawase (2015) e pela tese de Taveira (2014).

Nos indagamos sobre a possível presença de outras iniciativas de produções de vídeo na escola para alunos surdos. Dessa maneira tendo o vídeo para alunos surdos como objeto de discussão, chegamos as perguntas que delimitam essa pesquisa: São produzidos vídeos no contexto escolar do aluno surdo para auxiliá-los no processo de ensino e aprendizagem? Assim pretendemos investigar através das produções científicas brasileiras, o que se apresenta sobre a produção de vídeos na escola para alunos surdos.

Em relação à delimitação do período de buscas, de 2005 a 2019, se deu devido o ano da divulgação do Decreto nº5.626/2005, o qual definiu regulamentações escolares em relação ao aluno surdo, até o momento presente, que marcam quatorze anos de vigência do decreto (BRASIL, 2005).

Antes de iniciar nossas buscas, para identificar se o tema já havia sido tratado como tema em estudo bibliográfico, realizamos buscas por teses e dissertações, utilizando de maneira combinada os termos “estudo bibliográfico” e “vídeo para surdos”. No entanto, as buscas não retornaram resultados que se adequavam ao tema pesquisado.

Por isso, realizar um estudo de revisão com o tema “produção de vídeos na escola para alunos surdos” mostra-se indispensável, pois visa contribuir com a área de estudos da educação de surdos, agregando informações para as discussões e futuros estudos.

### 3.2.2 Escolha das fontes de dados

As bases eletrônicas de dados costumam ser a primeira opção de fontes a serem consultadas em pesquisas que utilizam o método sistemático, pois disponibilizam amplo número de material e podem ser facilmente consultadas (COSTA; ZOLTOWSKI, 2014). Elegemos como fonte de dados para realizar as buscas pelas produções científicas sobre o assunto proposto, os banco de dados de livre acesso, o Catálogo de teses e dissertações da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Catálogo de teses e dissertações da Capes) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)<sup>3</sup>.

O Catálogo de teses e dissertações da Capes tem como objetivo disponibilizar e facilitar o acesso de referências e resumos de dissertações e teses defendidas em programas de pós-graduação do Brasil. As informações contidas no catálogo são fornecidas diretamente à Capes pelos programas de pós-graduação e são atualizadas anualmente através da Plataforma de Sucupira, programa que coleta informações da pós-graduação, base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação. A base de dados possibilita buscas por autor, título, nível e ano de defesa do trabalho, resumo, palavras-chave, biblioteca, linha de pesquisa, área de conhecimento, programa, agência financiadora, nível e há a possibilidade de se pesquisar em todos os campos (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019).

A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) tem como objetivo integrar e disseminar textos completos das dissertações e teses defendidas nas instituições brasileiras de ensino superior. Os dados dos trabalhos são disponibilizados pelas instituições de ensino superior que utiliza o programa de gerenciamento de dados do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Essa base de dados permite que a busca seja realizada por título, autor, assunto ou utilizando todos os campos, na busca simples e na busca avançada permite refinar a pesquisa por resumo em português, resumo em inglês, editor e ano de defesa (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2019).

As duas bases de dados são semelhantes em interesses, ao disporem informações de dissertações e teses defendidas no território brasileiro, entretanto, as bases apresentam diferenças que justificam a escolha da busca utilizando as duas fontes de dados, visando o maior alcance de resultados. A primeira diferença está que no Catálogo de teses e dissertações da Capes não apresentam os resumos de trabalhos indexados antes de 2013, e a segunda é que o base de dados do BDTD além de disponibilizarem o acesso aos resumos, também trazem acesso na íntegra de todos os trabalhos.

---

<sup>3</sup> Link de acesso Catálogo CAPES: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>  
Link de acesso BDTD: <http://bdttd.ibict.br/vufind/>

Sendo assim, para esta pesquisa optamos por utilizar como fonte de dados as duas plataformas de gerenciamento de dados de dissertações e teses brasileiras, que agrupam em suas bases um número expressivo de pesquisas realizadas no território nacional, abrangendo as diversas áreas do conhecimento e instituições de ensino de pesquisa, e frente as suas diferenças, a pesquisa se dá com maior abrangência fazendo o uso de ambas.

A escolha por bases de dados de livre acesso está ligada à possibilidade de replicação dos procedimentos adotados nessa pesquisa por qualquer pessoa interessada.

### 3.2.3 Eleição das palavras-chaves/descriptores para a busca

Conforme descrevem Costa e Zoltowski (2014), as palavras-chave em uma revisão sistemática devem sintetizar os conceitos ou variáveis da investigação em determinado estudo, a escolha dessas palavras deve ser sensível para acessar o assunto de estudo e alcançar um número representativo de trabalhos. Outra maneira de eleger as palavras para buscas, sugerida pelos autores é utilizando um *thesaurus*.

O *thesaurus* é um banco de terminologias padronizadas, sobre determinada área do saber, seus termos são escolhidos a partir de uma estrutura de conceitos relacionados à área, tendo como objetivo a organização e busca de documentos e informações, assegurando o trabalho de pesquisadores e documentalistas. No Brasil, na área da educação há o *Thesaurus* Brasileiro da Educação, que é um instrumento idealizado e mantido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Seu desenvolvimento teve início em 1980, com o objetivo de facilitar a pesquisa em educação. Sua primeira versão experimental foi em 1989, mas para uso interno. E posteriormente, em 1997, passou a elaborar a segunda versão com a participação dos analistas do Centro de Informação e Biblioteca em Educação (Cibec) e somente no ano de 2001 teve seu lançamento no *site* do INEP (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2019).

A fim de minimizar os possíveis vieses na busca das produções acadêmicas, bem como assegurar as buscas realizadas nessa pesquisa, iniciamos a eleição dos nossos descritores, buscando pelos termos padronizados no *Thesaurus* Brasileiro da

Educação. Utilizamos como termos para essa busca os dois conceitos centrais da investigação proposta nesse estudo: “Produção de vídeo na escola” e “Alunos surdos”.

A pesquisa com o termo “Produção de vídeo na escola” e “Produção de vídeo”, não apresentaram registros, por conseguinte utilizamos a busca com o termo “vídeo”, com o qual obtivemos os resultados dos termos padronizados: Ensino por vídeo, Gravação em vídeo, Sala para Tv/vídeo, TV/vídeo/antena parabólica, Vídeo educativo, Vídeo popular, Vídeo-tape, e Vídeo-textos. Com relação ao termo “alunos surdos”, também não obtivemos registros, assim utilizamos apenas o termo “surdo”, que retornou os seguintes termos padronizados: Deficiências da Audição, Deficiências Sensoriais, Educação de Surdos, Equipamentos para Surdos-Mudos, Intérprete para Surdos, Tradução para Surdos, Educação de Surdos; Deficiências da Audição e Deficiências Sensoriais.

Ressaltamos que para realizar a busca com os termos padronizados, escolhemos os termos condizentes com a temática da pesquisa. Assim, relacionados ao termo “vídeo”, elegemos os termos: Ensino por vídeo, Gravação em vídeo, Vídeo educativo, Vídeo popular e Vídeo-textos. E relacionados ao termo “surdo”, escolhemos: Educação de Surdos, Equipamentos para Surdos-Mudos e Tradução para Surdos. Os termos foram eleitos por estarem relacionados à produção/materiais didáticos e à educação de surdos.

A partir dos termos padronizados, os associamos em duplas formando descritores para uma busca inicial nas bases de dados eleitas para esta pesquisa e obtivemos no total apenas 5 resultados: 3 trabalhos na base de dados da BDTD e 2 no Catálogo de teses e dissertações da CAPES.

Vale ressaltar que nesta busca inicial, percebemos que os termos compostos que são utilizados entre aspas nas buscas na base de dados do Catálogo de teses e dissertações da CAPES, devem ser digitados no campo de busca, pois ao utilizar a função de recortar e colar os termos de um editor de texto para o campo de busca do *site*, as aspas sofrem alteração e acabam buscando os termos de maneira separada, retornando os resultados como se estivesse utilizando sem aspas. No site da BDTD esse processo de recortar e colar o descritor de um editor de texto e utilizar no campo de busca não apresentam esse tipo de alteração.

Diante do resultado com os descritores formados pelos termos padronizados, percebemos que o uso dos termos padronizados foi pouco eficiente



para compor a busca no tema proposto, surgindo a necessidade de selecionar outros termos. Para a escolha dos novos termos, escolhemos os que sintetizassem os conceitos do tema da pesquisa, escolhemos termos que remetessem o tipo de educação e público, bem como o tipo de material. Isto posto, escolhemos os seguintes termos: “educação de surdos”, “inclusão de surdos”, surdez, vídeo, videoaula, videogravação, “ensino por vídeo”, “letramento visual”, “produção de material didático”, “material didático em vídeo” e “vídeos em Libras”.

#### 3.2.4 Busca e armazenamento dos resultados

Os procedimentos de busca nas bases de dados, foram realizadas no dia 08 de dezembro de 2019. Para a realização das buscas nas bases de dados eletrônicas, utilizou-se como instrumento *notebook* Asus e acesso à internet.

Iniciamos as buscas na base de dados da BDTD utilizando os descritores no campo de busca, selecionando a opção na qual os descritores fossem encontrados em “Todos os campos”, que compreende a busca do descritor no título do trabalho, no nome do autor e no assunto, em seguida clicamos em “Busca”. Após o *site* retornar os resultados com o descritor utilizado, refinamos a busca em “Ano de Defesa”, que compreendeu o ano de 2005 a 2019. O procedimento pode ser visualizado por meio das capturas das telas do *site* de busca, imagens 1 e 2. Vale ressaltar que esse processo de inserir descritor e refinar as buscas se repetiram a cada novo descritor utilizado.

IMAGEM 1 - Página de busca da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BRASIL Serviços Participe Acesso à informação Legislação Canais Idioma

**BDTD**<sup>15 anos</sup>  
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Página Inicial Sobre a BDTD Rede BDTD Acesso Aberto Brasil Serviços

## ACESSO E VISIBILIDADE ÀS TESES E DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS

"educação de surdos" AND vídeo Todos os campos

117	435.846	156.499	592.343
Instituições	Dissertações	Teses	Documentos

[Sobre a BDTD](#) [Assista o vídeo sobre a BDTD](#)

O Ibtict desenvolveu e coordena a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

FONTE: Capturada de tela do site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e dissertações, com destaque da autora

IMAGEM 2- Campo para filtro por ano da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

HUMANAS::EDUCAÇÃO 5  
CIÊNCIAS HUMANAS::EDUCAÇÃO 3  
CIÊNCIAS HUMANAS: EDUCAÇÃO 3  
EDUCAÇÃO::ENSINO-APRENDIZAGEM 3  
ACCNPQ::Ciências Humanas::Educação 2  
ACCNPQ::Linguística, Letras e Artes::Linguística 2

**Ano de Defesa**

De: 2005 Até: 2019

12 **Estudantes surdos no Proeja: o que nos contam as narrativas**  
por BREGONCI, A. M. Data de Defesa 2012  
Assuntos: "... Educação de Surdos ..."  
 Obter o texto integral

13 **Estudantes surdos no Proeja: o que nos contam as narrativas sobre os seus percursos**  
por BREGONCI, Aline de Menezes Data de Defesa 2012  
Assuntos: "... Educação de surdos ..."  
 Obter o texto integral

14 **História de vida de uma professora surda e sua prática pedagógica na educação básica**  
por Mazzacotte, Andrea Carolina Bernal Data de Defesa 2018

FONTE: Capturada de tela do site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e dissertações, com destaque da autora

Posteriormente, o mesmo procedimento foi realizado no Catálogo de teses e dissertações da Capes. Salientamos que essa base de dados oferece as opções de refinamento somente após a busca simples, o que justifica o procedimento adotado

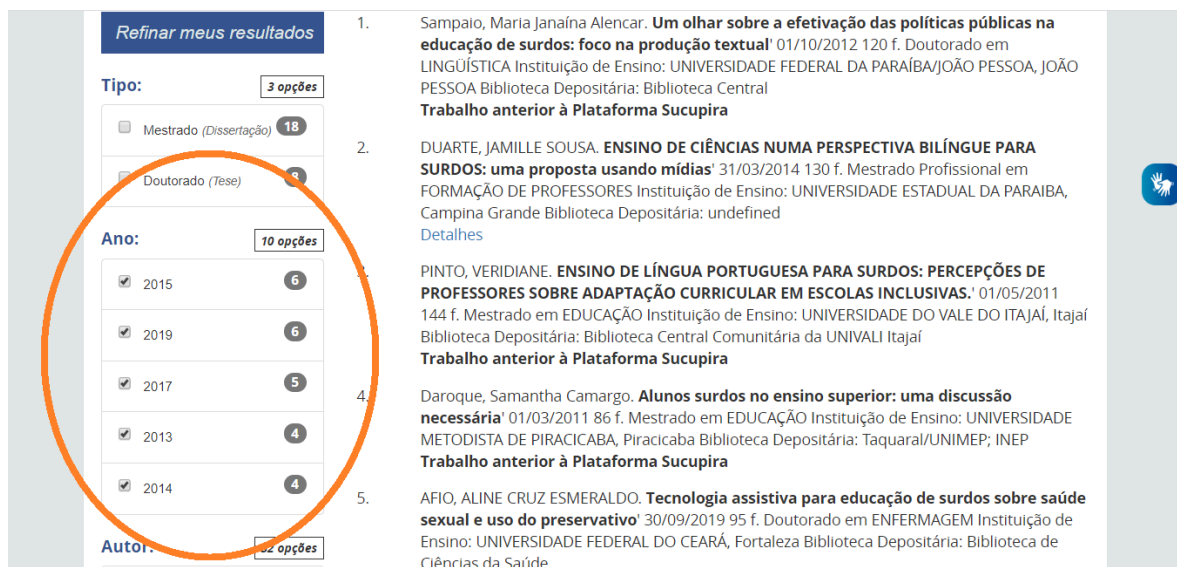
de busca simples nas duas bases de dados. Após buscar com os descritores, selecionamos as opções de anos de defesa de 2005 a 2019. O procedimento pode ser visualizado nas imagens 3 e 4. Assim como no procedimento da busca na BDTD, nesse site as buscas se repetiram a cada novo descritor, bem como o refinamento por ano.

IMAGEM 3- Página de busca do Catálogo de Teses e Dissertações



FONTE: Capturada de tela do site Catálogo de Teses e dissertações, com destaque da autora

IMAGEM 4- Campo para filtro por ano do Catálogo de Teses e Dissertações



FONTE: Capturada de tela do site Catálogo de Teses e dissertações, com destaque da autora

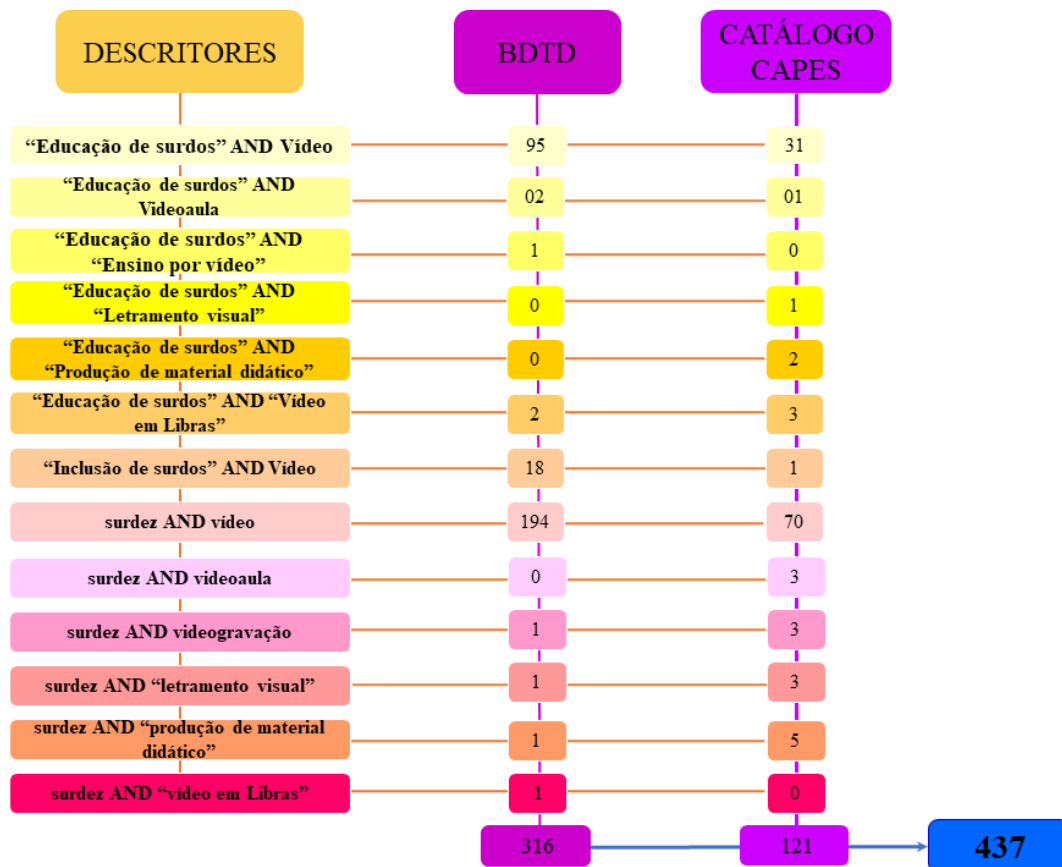
A quantidade de resultados por descritores foram registradas em um quadro no editor de texto, conforme se deu a pesquisa na base de dados, para fins de organização, para posterior armazenamento e para visualização dos descritores que retornaram resultados em pelo menos uma das duas bases utilizadas. A partir desses registros, organizamos a visualização dos resultados por descritores no Organograma 1.

Os descritores utilizados nas buscas nas duas bases de dados foram associados em pares e para que eles fossem combinados no momento da busca, utilizamos o operador booleano AND. Os operadores booleanos são operadores lógicos, palavras que associam os descritores, são elas AND, OR e NOT. O operador AND possibilita a associação dos descritores no momento da busca, resgatando resultados com todos os termos, o operador OR amplia os resultados buscando um dos termos utilizados e o operador NOT exclui registros que contenham o descritor inserido após o operador.

Destacamos que sobre o uso de operadores de buscas, o *site* da BDTD apresenta explicação de como utilizá-los no item “Dicas de busca”, presente na página de busca avançada. A base de dados da Capes não apresenta qualquer informação sobre como realizar a busca com o uso de operadores, entretanto, utilizamos na busca as instruções do *site* de Periódicos da Capes, onde encontra-se informações sobre como realizar buscas e como utilizar operadores booleanos para combinar os termos nas buscas.

As buscas nas duas bases de dados retornaram 437 resultados no total, sendo 316 pela BDTD e 121 pelo Catálogo de teses e dissertações da Capes. Assim, prosseguimos para a leitura dos resumos dos trabalhos com fins de selecioná-los.

ORGANOGRAMA 1 – Visão geral dos resultados das buscas nas bases de dados por descritores



FONTE: Elaboração própria

### 3.2.5 Seleção pela leitura dos resumos

Para a primeira seleção dos dados realizou-se a leitura dos resumos dos 437 trabalhos encontrados. Os resumos foram lidos nas bases de dados, seguindo a ordem dos descritores que retornaram resultados. Assim, repetimos o procedimento de busca pelos descritores e a leitura dos resumos foi realizada. A seleção obedeceu aos critérios de inclusão e exclusão definidos nessa pesquisa, a saber:

Critérios de inclusão:

- Teses e dissertações que tratassem de produção de vídeo para alunos surdos, produzidos no contexto escolar bilíngue ou inclusivo de nível básico por professores, alunos, instrutores, intérpretes, estagiários e outros envolvidos no contexto escolar, sendo eles surdos ou ouvintes. Os trabalhos que tivessem seus arquivos disponíveis.

Critérios de exclusão:

- Teses e dissertações que não tratassem de produção de vídeo para alunos surdos, produções de vídeo fora do contexto escolar, em nível de ensino superior ou técnico, ou por outras pessoas não vinculadas ao contexto escolar dos alunos surdos. Os trabalhos que tivessem seus arquivos indisponíveis.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram norteados segundo algumas intenções, a busca por produções de vídeos para surdos em nível de ensino básico se deu pela suposição de que os surdos que ingressam o ensino superior apresentam um melhor desenvolvimento na língua de sinais, sendo assim, nosso interesse recai sobre o ensino básico, etapa na qual o aluno surdo ainda está muitas vezes em processo de desenvolvimento da língua, o que necessita (a nosso ver) de mais meios que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem, como por meio dos vídeos. A respeito da busca por produções de vídeos no contexto escolar realizados por profissionais envolvidos diretamente na educação dos surdos se pauta na necessidade desses recursos pedagógicos serem produzidos com base na própria realidade dos alunos surdos, customizados, conforme os vídeos que apresentados nas pesquisas de Taveira (2014) e Kawase (2015).

Os resumos circunscritos nos critérios de inclusão estabelecidos para a seleção, mesmo os repetidos, tiveram seus títulos e *links* de acesso armazenados em um quadro elaborado no editor de texto, organizados por descritor e bases de dados de origem.

Do total de 437 trabalhos que tivemos como resultados na busca inicial, na seleção por resumo a quantidade foi reduzida para 36 trabalhos, dos quais após a limpeza dos títulos duplicados chegamos ao total de 19 trabalhos selecionados por resumo com base nos critérios de inclusão e exclusão<sup>4</sup>. Entre esses 19 trabalhos selecionados pelo resumo, está a tese de Taveira (2014) que faz parte do referencial teórico desse estudo. Esse estudo nos apóia e justifica a investigação proposta na temática de produção de vídeos na escola para alunos surdos, dessa maneira, não

---

<sup>4</sup> O processo de limpeza dos títulos duplicados deveria ter antecedido a leitura dos resumos, com fim de otimizar o procedimento.

fará parte do *corpus* de análise. Assim, chegou-se ao total de 18 trabalhos para leitura na íntegra.

### 3.2.6 Seleção pela leitura na íntegra

A leitura na íntegra dos 18 trabalhos selecionados pelo resumo fez-se necessária a fim de saber se realmente contemplavam os critérios de inclusão estabelecidos nessa pesquisa, pois as informações trazidas nos resumos não foram suficientes para selecionarmos os trabalhos diretamente para análise.

Para a leitura na íntegra dos trabalhos baixamos o arquivo completo através do acesso por meio de *link* disponibilizado nas informações dos trabalhos nas bases de dados. Os trabalhos foram armazenados em uma pasta de documentos no computador, em seguida foram criadas duas sub-pastas nomeadas “Incluídos” e “Excluídos”, assim, após a leitura e seleção de cada texto, o arquivo era destinado à pasta correspondente ao critério no qual se encaixou.

No processo de baixar os arquivos, ressaltamos a indisponibilidade de um dos trabalhos, a dissertação intitulada “Alternativas no ensino de microbiologia para a inclusão de alunos surdos”, do Programa de Pós-graduação em Formação em Ciências para Professores, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, conforme o que consta no Catálogo de teses e dissertações da Capes, a divulgação do texto não é autorizada. Assim, conforme nossos critérios de exclusão, o trabalho não foi considerado.

No Quadro 1, estão organizados os 18 trabalhos que constituem o *corpus* de trabalhos potencialmente relevantes na pesquisa, trazendo informações sobre: Ano de defesa e nível, Título da dissertação ou tese, Nome do autor(a) e Orientador(a), Instituição de Ensino Superior (IES) e Programa de Pós-Graduação (PPG), Vídeio no trabalho e Critério estabelecido.

Quadro 1 – Dados dos trabalhos potencialmente relevantes

Ano defesa/ Nível	Título	Autor(a); Orientador(a)	IES - PPG	Vídeo no trabalho	Critério estabelecido
2013 Mestrado	Audiovisual em Libras: os sentidos construídos por professores sobre o vídeo “Sinalizando a sexualidade”.	Maria Inês Batista Barbosa Ramos; Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho	Universidade Federal do Rio de Janeiro – Educação em Ciências e Saúde	Vídeo em Libras a “Sinalizando a sexualidade”	Excluído - Não trata sobre a produção do vídeo.
2013 Doutorado	A Libras no ensino de Leis de Newton em uma turma inclusiva do ensino médio.	Sabrina Gomes Cozendey; Maria da Piedade Resende da Costa	Universidade Federal de São Carlos – Educação Especial	Vídeos de conceitos da Física relacionadas as Leis de Newton	Excluído - Produção de vídeo fora do contexto escolar.
2014 Mestrado	Alternativas de ensino de microbiologia para a inclusão de alunos surdos.	Tassia Alessandra de Souza Ferraz; Susana Frases Carvajal	Universidade Federal do Rio de Janeiro – Formação em Ciências para Professores.	Videoaulas bilíngues sobre microbiologia (informação do resumo disponível)	Excluído – Trabalho com arquivo indisponível.
2014 Mestrado	Ensino de ciências numa perspectiva bilíngue para surdos: uma proposta usando mídias.	Jamille Souza Duarte; Ana Paula Bispo da Silva.	Universidade Estadual da Paraíba/ Formação de professores.	Videoaula em Libras sobre “Animais vertebrados”.	Excluído – Produção de vídeo fora do contexto escolar.
2014 Mestrado	O trabalho colaborativo do intérprete de libras no ensino de português para surdos na escola regular de educação básica.	Andréa dos Guimarães de Carvalho; Deise Nanci de Castro Mesquita	Universidade Federal de Goiás – Ensino na Educação Básica	Vídeos adaptados em Libras (apenas mencionado no texto).	Excluído – Não trata de produção de vídeo para alunos surdos.
2015 Mestrado	A inclusão matemática de um aluno surdo na rede municipal de Juiz de Fora mediada por um professor colaborativo surdo de Libras atuando em bidocência.	Kátia Parreira Brettas; Marco Aurélio Kistemann Junior	Universidade Federal de Juiz de Fora/ Mestrado Profissional em Educação Matemática	Vídeos de registro do professor que foi utilizado como dados para a pesquisa.	Excluído – Não trata de produção de vídeo para alunos surdos.



2015 Mestrado	Glossário em Libras e aquisição dos conteúdos programáticos de ciências pelos surdos.	Luciane Cruz Silveira; Ana Regina e Souza Campello	Universidade Federal Fluminense – Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão	Vídeos com explicação dos termos em Libras.	Incluído – Atende todos os critérios.
2016 Mestrado	Desenvolvimento de videoaulas de ciências para estudantes surdos usuários de Libras.	Mariana Araguaia de Castro Sá Lima; Clodoaldo Valverde	Universidade Estadual de Goiás – Ensino em Ciências	Vídeo com tradução do conteúdo Lei da Inércia em Libras.	Excluído – Produção de vídeo fora do contexto escolar.
2016 Mestrado	O ensino de matemática através da Libras para o ensino médio.	Charles Castro da Rosa; Simone Delphim Leal	Universidade Federal do Amapá – Mestrado Profissional em Matemática	Vídeos com tradução em Libras de situações problemas de matemática.	Excluído – Produção de vídeo fora do contexto escolar.
2016 Mestrado	Hipervídeo na educação dos surdos	Paulo Roberto Alves de Almeida; Vania Ribas Ulbricht	Universidade Federal de Santa Catarina – PPG em Engenharia e Gestão do Conhecimento	Vídeos em Libras sobre conceitos de geometria.	Excluído – Produção de vídeo fora do contexto escolar e endereçado para ensino superior.
2016 Mestrado	Videoaulas sobre artes com legendas em Libras: ferramenta para fomento da criatividade e sustentabilidade.	Noemi Beneques Horowicz; Ruth Maria Mariani Braz	Universidade Federal Fluminense – Mestrado profissional em Diversidade e Inclusão	Videoaulas de confecção de brinquedos com materiais recicláveis.	Excluído – Produção de vídeo fora do contexto escolar.
2017 Mestrado	Atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem de surdos e deficientes auditivos sobre parasitoses intestinais.	Heloá Caramuru Carlos; Suzete Araujo Oliveira Gomes	Universidade Federal Fluminense – Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão.	Vídeos de perguntas sobre o tema, “Parasitoses intestinais”.	Excluído – Produção de vídeo fora do contexto escolar.
2017 Mestrado	Cultura corporal do movimento: cinco cantigas de roda para alunos surdos.	Alessandra Teles Sirvinskas Ferreira; Ruth Maria Mariani Braz	Universidade Federal Fluminense – Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão	Vídeos de cantiga de roda bilíngue.	Excluído – Produção de vídeo fora do contexto escolar.

2017 Mestrado	Ensino de ciências por meio da produção de uma mídia pedagógica: o vivido e o concebido por estudantes surdos durante aulas sobre as angiospermas.	Márcia Pantoja Contente; Wanderleia Azevedo Medeiros Leitão.	Universidade Federal do Pará – PPG Docência em Educação em Ciências e Matemáticas - Mestrado Profissional.	Vídeos em Libras sobre “Angiospermas”.	Incluído – Atende todos os critérios.
2018 Mestrado	Citologia para estudantes surdos: uma unidade de ensino potencialmente significativa.	Eliane Barth Tavares; João dos Santos Cabral Neto	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Mestrado Profissional de Ensino Tecnológico	Menciona o uso de vídeos com alunos surdos para ilustrar o conteúdo.	Excluído - Não trata de produção de vídeo para alunos surdos.
2018 Mestrado	O uso de aplicativos para deficientes auditivos: uma alternativa para o ensino de física.	Francisco Rafael Pereira Teixeira; Carlos Alberto Santos de Almeida.	Universidade Federal do Ceará – Mestrado Profissional de Ensino de Física.	Vídeos em Libras produzidos com aplicativos de tradução simultânea, sobre temas de física.	Excluído – Produção de vídeo fora do contexto escolar.
2018 Mestrado	Protagonismo bilíngue: uma experiência, duas línguas, vários sujeitos e a escola.	Robson de Souza; Rosimeri de Oliveira Dias	Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPG em Educação	Vídeos das narrações dos alunos surdos.	Incluído – Atende todos os critérios.
2019 Mestrado	Leitura, escrita e referência lexical em textos de alunos surdos do ensino fundamental	Emanuely Monteiro Celestino; Alexandre Melo de Sousa	Universidade Federal do Acre – Mestrado Profissional em Letras	Vídeo em Libras da lenda “O Curupira surdo”.	Incluído – Atende todos os critérios.

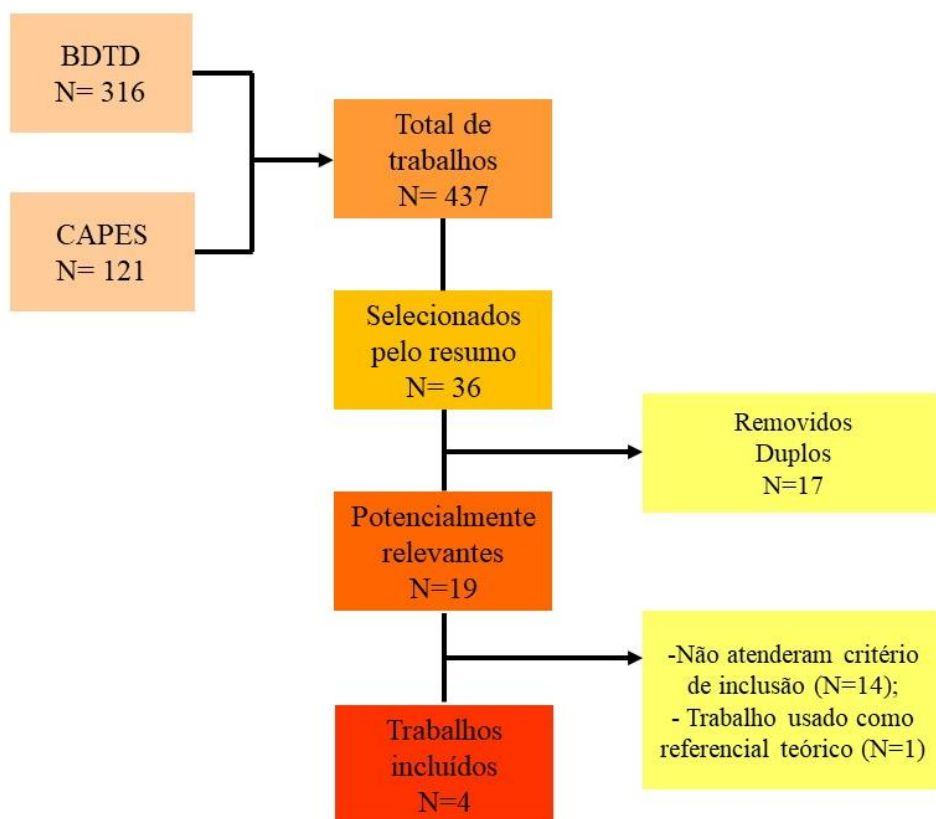
FONTE: Elaboração própria

Dos 17 trabalhos disponíveis para a leitura na íntegra, apenas 4 estavam circunscritos nos critérios de inclusão estabelecidos, que vão compor o *corpus* final de trabalhos que serão analisados e discutidos.

As três etapas finais que compreendem os passos desenvolvidos por Costa e Zoltowski (2014) para uma revisão sistemática tratam sobre: extração dos dados dos trabalhos selecionados, avaliação dos trabalhos, síntese e interpretação dos dados. Essas etapas serão apresentadas na sessão seguinte conforme o desenvolvimento das análises e discussões.

A seguir, todo o procedimento de busca e seleção dos trabalhos descritos foram sistematizados visualmente em forma de organograma.

ORGANOGRAMA 2 – Processo de seleção e resultados



FONTE: Elaboração própria

## **CAPÍTULO 4 - O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE PRODUÇÃO DE VÍDEO NA ESCOLA PARA ALUNOS SURDOS?**

Os dados sobre a produção de vídeos apresentados nas pesquisas foram analisados e discutidos com base no referencial teórico que assumimos para o desenvolvimento desse estudo e a partir dele nos interessou olhar como as produções de vídeo apresentadas nas dissertações tratam a aprendizagem e a formação de conceitos dos alunos surdos.

A partir das buscas em dissertações e teses sobre “produção de vídeos na escola para alunos surdos”, atingimos um *corpus* constituído por quatro trabalhos. Quantitativamente, os dados indicam que a temática vem ocupando pouco lugar nas discussões em pesquisas em nível de mestrado e doutorado.

Os critérios de inclusão e exclusão foram seguidos com precisão e grande parte dos trabalhos potencialmente relevantes (Quadro 1), foram excluídos por não tratarem de produções de vídeos para surdos no contexto escolar. Vale salientar que entre esses trabalhos que foram excluídos, nos deparamos em alguns com a falta de clareza nas informações.

As dissertações selecionadas nesse estudo, foram defendidas nos anos de 2015, 2017, 2018 e 2019. Em relação aos anos de defesa dos trabalhos, ressalta-se a atualidade do tema.

Três dissertações foram desenvolvidas em cursos de mestrado profissional (SILVEIRA, 2015; CONTENTE, 2017; CELESTINO 2019) e uma dissertação no curso de mestrado acadêmico (SOUZA, 2018).

O mestrado profissional voltado aos profissionais da área da educação tende a sistematizar práticas pedagógicas realizadas na escola e na maioria das vezes, apresentam um produto educacional voltado ao trabalho com a escola e com os alunos. Com efeito, nossos resultados emergiram em maior número desses cursos com os trabalhos de Silveira (2015), Contente (2017) e Celestino (2019).

As quatro dissertações foram encontradas com o uso dos seguintes descritores propostos para a busca neste estudo: “educação de surdos e vídeo”; “educação de surdos e produção de material didático”; “surdez e vídeo”; “surdez e produção de material didático”. Vale destacar que os descritores buscaram correspondência em todos os campos dos trabalhos e não apenas nas palavras-

chave. Compreendemos a partir desses descritores que eles refletem o tema pesquisado em termos mais amplos.

Em relação às áreas de estudo nas quais as dissertações se inserem, três estão ligadas à área da educação (CONTENTE, 2017; SOUZA, 2018; CELESTINO, 2019) e uma à área interdisciplinar (SILVEIRA, 2015).

As dissertações que compõem o *corpus* de análise terão seus objetivos apresentados e a descrição da produção do vídeo.

A dissertação de Silveira (2015), intitulada “Glossário em Libras e a aquisição dos conteúdos programáticos de ciências pelos alunos surdos”, foi desenvolvida no curso de mestrado profissional em Diversidade e Inclusão, da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da professora doutora Ana Regina e Souza Campello. As palavras-chaves utilizadas no trabalho foram: Libras, Ciências, Língua Portuguesa e Materiais didáticos. O trabalho foi encontrado na busca utilizando o descritor “Surdez AND vídeo”.

A pesquisa de Silveira (2015) teve como objetivo elaborar um material didático de Libras, na forma de um glossário de ciências, para alunos surdos de escolas inclusivas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, com vistas a auxiliar a aquisição de conteúdos por esses alunos. O glossário foi idealizado a partir de uma experiência da autora na qual constatou que os alunos surdos não conseguiam compreender um assunto que não conheciam mesmo com tentativas de explicação com o uso do sinal em Libras ou pela Língua Portuguesa, assim, por meio do instrumento proposto e produzido por ela, procurou explicar termos de Ciências em Libras com o auxílio de imagens e vídeos.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública, na qual desde 2009 é um polo inclusivo para surdos. Participaram do estudo 10 alunos surdos e 20 professores, respondendo questionário a respeito de temas que seriam relevantes para a composição do glossário e posteriormente também avaliando o recurso produzido (SILVEIRA, 2015).

Para a criação do material a autora seguiu um roteiro que se constituiu pela: a) elaboração do roteiro dos conteúdos que os alunos apresentavam dificuldades, b) estudo do conteúdo e pesquisa de sinais adequados, c) filmagem dos verbetes de

ciências em Libras seguindo orientações de Segala (2010)<sup>5</sup>, que indica a necessidade de sala para filmagens, iluminação, filmadora, televisão e computador para edição dos vídeos, d) inserção de desenhos, fotos, vídeos para complementar o conteúdo e e) revisão do material didático (SILVEIRA, 2015).

IMAGEM 5 – Gravação dos sinais do glossário



FONTE: Silveira (2015)

O glossário foi produzido utilizando o *PowerPoint*, e os vídeos inseridos no material foram editados com o programa *Sony Vegas*. O vídeo foi composto pela tradução da palavra em português para a Libras, a explicação dos significados e pela presença da datilologia da palavra. Outras imagens também foram utilizadas, essas foram capturadas em vídeos do *YouTube*. O material produzido apresentou a seguinte organização: 35 verbetes de ciências em Libras, datilologia, sinal, explicação em Libras e exemplos com figuras e vídeos. No processo de produção a autora destaca que a escola que disponibilizou os instrumentos para filmagem (SILVEIRA, 2015).

Os 35 verbetes de Ciências em Libras foram divididos em grupos. No “Grupo 1 - Anatomia, saúde e doenças” - abdômen, aborto, anemia, bactéria, célula, citologia, citoplasma, colesterol, coração, dengue, diarreia, dieta, DIU, DNA, glicose, hemorragia, infecção e pressão arterial, no “Grupo 2 – Meio ambiente e geociências” - açaí, capim, colina, depressão, desmatamento, eclipse, ecológico, montanha, planalto, planície, pomar, subsolo e terremoto, e no “Grupo 3 – Animais” - cardume,

<sup>5</sup> SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual**: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, SC, 2010.

dinossauro, garra e peçonhento. Desses verbetes, 26 foram criados pela autora com auxílio da orientadora da pesquisa (SILVEIRA, 2015).

Na avaliação feita pelos professores sobre o recurso, a maioria considerou o material de boa qualidade, com palavras relevantes, apontando para as explicações dos conceitos que foram apresentadas de maneira clara e dessa forma, acreditando que os alunos surdos poderiam se beneficiarem com material produzido, além de ressaltar que utilizariam o material em suas aulas. O questionário aplicado com os alunos surdos indicou que o material pode auxiliar no desenvolvimento deles em relação à aprendizagem, pois puderam entender os conceitos a partir do que viram no material (SILVEIRA, 2015).

Como conclusões, a autora aponta que o estudo possibilitou a criação do glossário e considera que o material é um meio facilitador de aprendizagem e aquisição de vocabulário.

IMAGEM 6 – Glossário Ciências em Libras – Termos: Coração; Depressão e Dinossauro



FONTE: Silveira (2015)

Na imagem 6, composta pela captura de três imagens do glossário extraídos da dissertação da autora, podemos notar que ela aparece nos quadros na parte de cima, que são os vídeos em Libras produzidos nos quais apresentava a datilologia do termo trabalhado e a sua explicação/definição.

Destacamos que para a elaboração do glossário a pesquisadora considerou o envolvimento dos professores e dos alunos surdos a fim de saber quais eram as necessidades existentes no contexto escolar, inserindo a participação deles na pré-

produção do material e posteriormente na avaliação do mesmo, demonstrando a busca da pesquisadora pela personalização do instrumento.

Com relação às escolhas sobre a produção do glossário em si, este ficou a cargo da pesquisadora e com a orientadora do estudo. Pudemos notar pelo processo descrito no texto de Silveira (2015) que ela se baseou em modos mais adequados de como produzir vídeos voltados para surdos, o que resulta na atenção dada aos aspectos da exposição e organização da imagem no material, atribuindo a ele mais qualidade. É importante destacar que nesse processo de criação e negociação dos sinais dos termos do glossário, a pesquisadora contou com o auxílio da sua orientadora que é surda e usuária fluente da língua de sinais.

A avaliação do glossário pelos professores e alunos surdos apontaram que o material poderia auxiliar no entendimento dos termos apresentados, entretanto, compreendemos que o glossário por si só não auxilia na formação de conceitos, pois trabalhar um conceito é diferente do que apenas apresentá-lo com um vídeo em Libras com a datilologia e explica da definição do termo, somado com uma relação visual. Para que os alunos surdos realmente pudessem formar os conceitos desses termos, o material deveria ser inserido em uma situação de sala de aula ou em outros momentos de estudo, possibilitando o uso do material e a percepção de seus efeitos aos alunos surdos sobre os conteúdos escolares. Ainda que a intenção de ampliar os termos na língua brasileira de sinais seja necessária, a palavra por si só não forma o conceito.

Somente quando se utiliza percepção, atenção, memória e linguagem de maneira combinada, voltadas a uma atividade, só quando o sujeito se encontra envolvido ativamente no processo de aprendizagem é a que a formação de conceitos científicos é possível.

[...] o conceito surge no processo de operação intelectual; não é o jogo de associações que leva à obstrução de conceitos: em sua formação participam todas as funções intelectuais elementares em uma original combinação, sendo que o momento central de toda essa operação é o uso funcional da palavra como meio de orientação arbitrária da atenção, da abstração, da discriminação de atributos particulares e de sua síntese e simbolização com o auxílio do signo (VIGOTSKI, 2000, p. 236).

Notamos que a motivação da produção do glossário surgiu da necessidade de sistematizar termos específicos dos conteúdos curriculares ainda não existentes em Libras, auxiliando no preenchimento de uma lacuna presente há tempos na



educação dos surdos, em relação à ausência de termos específicos da língua de sinais nas diferentes áreas de conhecimento. Essa mesma motivação pode ser vista também no trabalho de Contente (2017) que entre os aspectos de produção da mídia pedagógica, também se deparou com a necessidade da criação de sinais específicos.

Entendemos que instrumentos que agregam termos específicos em Libras de conteúdos escolares podem auxiliar os alunos surdos a realizarem outras generalizações, desde que esses instrumentos estejam envolvidos nas interações dos alunos com os conteúdos.

Conforme já apontado na fundamentação teórica deste trabalho “[...] o significado da palavra não é senão uma generalização ou conceito” (VIGOTSKI, 2000, p. 398), assim, ao aprender uma nova palavra, se agrega mais repertório, o que ajuda na compreensão de novos conceitos. Com a generalização de novos conceitos, as relações entre os objetos mudam, “quando surge a generalização do conceito “flor”, modifica-se também a relação entre “flor” e “rosa” assim como entre outros conceitos subordinados” (VIGOTSKI, 2000, p. 294). Vale reforçar que uma nova palavra e seu significado só são realmente apreendidos quando seu uso é funcional, ou seja, quando ocorre nas interações do indivíduo que utiliza de maneira ativa essa palavra, construindo o seu sentido.

A dissertação de Contente (2017), intitulada “Ensino de ciências por meio da produção de uma mídia pedagógica: o vivido e o concebido por estudantes surdos durante aulas sobre angiospermas”, foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas, da Universidade Federal do Pará, sob orientação da professora doutora Wanderleia A. M. Leitão. As palavras-chave utilizadas pela autora foram: Educação de surdos, Ensino de angiospermas, Recurso didático tecnológico. O trabalho foi encontrado com os descritores de busca: ““educação de surdos” AND vídeos”.

A pesquisa de Contente (2017) teve como objetivo construir uma mídia pedagógica bilíngue a partir de percepções dos participantes surdos e contribuir com as discussões de ensino e aprendizagem desses estudantes. A proposta da construção desse material surge como alternativa para superar as dificuldades vivenciadas pelos alunos surdos com os conteúdos de ciências, frente à realidade da inclusão escolar que deve considerar o uso da língua de sinais e aspectos da visualidade.

A pesquisa foi realizada numa escola pública de ensino fundamental do município de Igarapé-Miri, no Pará. Todo procedimento da pesquisa ocorreu na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), no período oposto ao ensino regular. No processo de construção da mídia participaram duas estudantes surdas, um pedagogo surdo, uma intérprete de Libras e a pesquisadora.

Para a produção do material, a pesquisadora utilizou questionário para sondar a afinidade que as alunas tinham com o tema de estudo e também com o uso da tecnologia. Todos os encontros foram gravados em vídeo.

O processo de produção da mídia ocorreu na SRM por ela estar equipada com equipamentos tecnológicos e internet. Uma série de atividades antecederam e fomentaram a construção da mídia pedagógica. O assunto de ciências “angiospermas” foi escolhido devido a dificuldade que as alunas participantes apontaram ter com o tema e por ele ter relação com a alimentação humana. O instrutor surdo e a intérprete participaram da produção principalmente auxiliando na mediação das atividades.

As atividades foram as seguintes: 1) socialização do conhecimento que as alunas já tinham sobre o tema angiosperma, 2) atividade de pesquisa na internet, 3) construção de roteiro sobre a temática com o uso da internet, cartilhas e livros impressos, abordando os seguintes tópicos “características das plantas”, “importância das plantas para os seres humanos”, “conceito de angiosperma” e “partes constituintes das angiospermas”, 4) seleção de imagens sobre o conceito de angiospermas, 5) análise do roteiro e escolhas de informações consideradas importantes, 6) pesquisa em fontes oficiais dos conceitos em Libras, 7) negociação de sinais em Libras de conceitos de angiospermas, consultando dicionários em Libras e criação dos sinais para os conceitos não encontrados, 8) construção do roteiro de gravação, 9) filmagem dos participantes sinalizando os conceitos e 10) produção da mídia pedagógica. A última atividade foi realizada no Laboratório de ensino e produção de multimídia da Universidade Federal do Pará.

Para as filmagens foi construído um pequeno estúdio na SRM equipado com: câmera digital, tripé, *datashow*, tela invertida, televisão, luminárias, plano de fundo (tecido verde) e cortinas pretas para as janelas da sala. As imagens utilizadas foram fotografadas em uma caixa fotográfica confeccionada pela pesquisadora. Os equipamentos, com exceção da câmera, *datashow* e televisão, foram construídos com materiais de baixo custo.

Com relação à preparação da mídia, a autora salienta que para a edição dos vídeos foi utilizado o programa *Adobe Premier Pro Cs6* e a montagem da mídia utilizou o programa *DVDStyler*.

Todo o processo de construção da mídia refletiu num processo de construção dos conceitos científicos pelas alunas surdas sobre angiospermas. Nesse processo, foi levantado por meio de relatos os conhecimentos que as alunas já apresentavam sobre o tema, bem como várias dúvidas. Assim os conceitos foram reconstruídos por meio do método de pesquisas que foram realizadas na internet, buscando respostas às perguntas já realizadas e outros esclarecimentos sobre o assunto. Nessa atividade de pesquisa a autora apontou que na reconstrução e construção dos novos conceitos científicos, as alunas ampliaram seus conhecimentos e aprofundaram a discussão sobre o tema, bem como todo o processo possibilitou mudanças de atitudes das participantes relacionadas a responsabilidade pela própria aprendizagem, fazendo parte dessa construção de conhecimento, o que também refletiu no aumento da autoestima e autonomia das alunas.

Para a gravação dos novos conceitos, considerou a sugestão vinda das alunas de além de oferecer a explicação dos conceitos sobre angiospermas em Libras, a mídia deveria utilizar imagens para apoiar o entendimento. As alunas apontaram que o conteúdo deveria fazer sentido ao aluno surdo, para conseguir relacioná-lo com seu cotidiano, tornando-se compreensivo e interessante. Outro aspecto que contribuiu para a formação dos conceitos das alunas sobre o tema veio na atividade de criação dos sinais para termos que não encontraram nos dicionários. Na atividade de negociação dos sinais, as alunas juntas com os outros participantes da pesquisa tiveram que entender o conceito para a criação dos sinais que se constituíram na sua maioria pela iconicidade.

IMAGEM 7 – Mídia pedagógica: Apresentação, Menu, Partes das Angiospermas e Extras



FONTE: Contente (2017)

A mídia pedagógica está disponível no Portal eduCAPES<sup>6</sup>, *site* que proporciona acesso aberto a objetos educacionais para uso de alunos e de professores nos níveis de educação básica, superior e de pós-graduação.

Contente (2017) destacou o recurso criado como significativo para a aprendizagem, pois realizou a construção dos conhecimentos com alunas surdas, dando espaço e valorizando as opiniões delas. Ressaltou o uso da tecnologia como fator motivador no desenvolvimento das atividades propostas.

A autora concluiu que a atividade proposta possibilitou a reflexão sobre as práticas pedagógicas utilizadas com as alunas surdas para alcançarem os conceitos e a importância do professor em criar as situações significativas, visando a produção de recursos e o envolvimento dos alunos na construção do conhecimento.

Ao analisar o estudo de Contente (2017) nota-se que as alunas surdas estiveram envolvidas de maneira ativa no processo de construção da mídia, pois o trabalho exigiu a participação no desenvolvimento das atividades e consequentemente, nas decisões que determinariam a produção do material. Esse processo conforme já constatado pela pesquisadora do estudo, é o que favoreceu a

<sup>6</sup> Link de acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/180302>

construção de novos conceitos científicos pelas alunas. Nessas atividades as alunas interagiram discutindo entre elas e com os demais participantes, sob mediação da pesquisadora, sendo incentivadas a buscar mais informações em pesquisas, partindo de conhecimentos que já tinham sobre o assunto estudado. A professora ao interagir com as alunas colaborou impulsionando e direcionando o desenvolvimento da atividade, partindo do que as alunas já sabiam para a construção de novos conhecimentos. No processo de aprendizagem, além do uso de instrumentos e signos, é de fundamental importância a presença de um adulto ou um companheiro mais capaz para orientar as atividades, de forma tal que o desenvolvimento potencial possa se tornar desenvolvimento real (VYGOTSKI, 1984).

Houve a preocupação por parte da pesquisadora em relação aos equipamentos que mesmo produzidos com materiais de baixo custo, corresponderam às necessidades dos profissionais mostrando-se adequados para o processo de filmagem dos vídeos e também para fotografar as plantas, resultando em níveis mais elevados de qualidade técnica e visual do produto. Isso revela que a pesquisadora buscou se instrumentalizar para a produção das imagens utilizadas na mídia.

A elaboração do roteiro para decisão do que e como apresentar o tema “angiospermas” perpassou as questões das intencionalidades do material didático.

Salientamos o fato de a mídia pedagógica ter sido disponibilizada a quem interessar no portal da Capes, que hospeda objetos educacionais. A pesquisa não aborda de qual maneira esse instrumento atingiu a aprendizagem de outros alunos surdos, e em relação à possibilidade de formação de conceitos científicos com a mídia, essa só foi confirmada através do processo que envolve as alunas na produção do material e não do seu uso enquanto mídia que agrega um conteúdo do currículo escolar. Podemos ver o uso dessa mídia de maneira plural, pois mesmo tendo um tema restrito, ela serve de exemplo de como pode ser produzido um material didático voltado às particularidades de aprendizagem do alunado surdo, sobretudo valorizando a reflexão e a produção coletiva.

Santaella (2012) afirma sobre a importância e a necessidade do uso da imagem no contexto escolar e nos processos de ensino e aprendizagem, como forma de representar, trabalhar a compreensão e o entendimento, indo além do caráter somente ilustrativo. Salienta ainda que a escola deve ensinar a ler os espaços e as formas que compõem o todo da imagem e da mensagem que ela quer

transmitir e com ela apreender sentidos e significados. Para além das possibilidades de ensinar que as imagens podem ter, ressaltamos o que comenta Campello (2008) sobre importância dos materiais produzidos em Libras e por surdos como um aspecto relevante na formação da identidade deles.

Adiante, apresentamos mais uma pesquisa na qual se desenvolveu a produção de vídeo com a presença ativa dos alunos surdos.

A dissertação de Souza (2018), intitulada “Protagonismo bilíngue: uma experiência, duas línguas, vários sujeitos na escola”, foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Rio de Janeiro e orientada pela professora doutora Rosimeri de Oliveira Dias. As palavras-chave utilizadas no trabalho foram: Protagonismo bilíngue; Experiência; e Sinalizante. O trabalho foi encontrado nas buscas com os descritores ““educação de surdos” AND “produção de material didático”” e “Surdez AND “produção de material didático””.

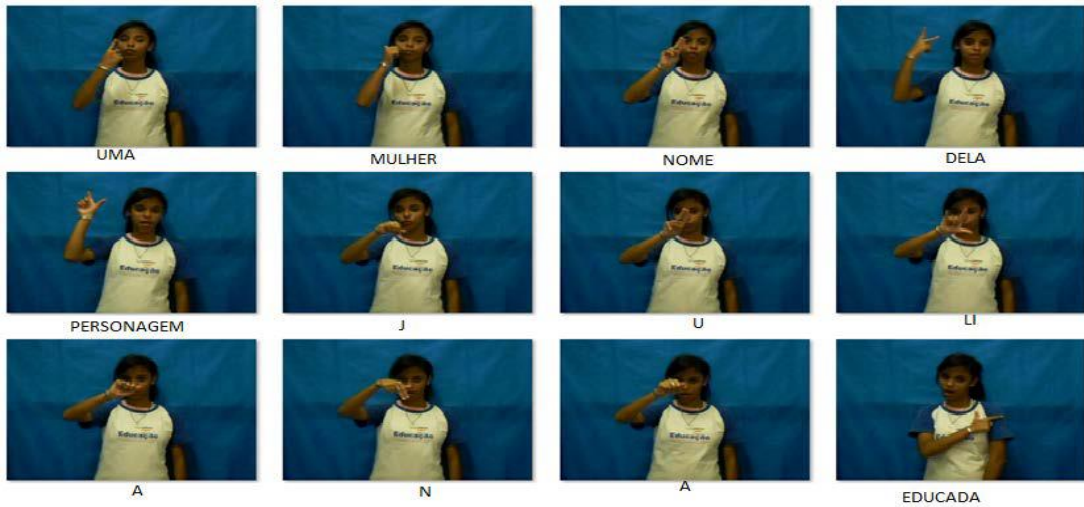
A pesquisa de Souza (2018) teve como objetivo analisar e explicitar necessidades e possibilidades de educação bilíngue Libras/Língua portuguesa. Assim, a pesquisa-experiência relatou e analisou as práticas desenvolvidas numa escola pública de Niterói, que trabalha com a proposta de educação bilíngue para surdos.

Na busca para sanar fragilidades do ensino bilíngue o pesquisador apresentou práticas nas quais a Libras foi privilegiada, tendo o ensino da Língua portuguesa na modalidade escrita, e dessa tendo o objetivo de minimizar os conflitos conceituais e fortalecer o entendimento do alunado surdo e para que tivessem maior participação nas aulas. As atividades foram desenvolvidas no período contrário das atividades do ensino regular com alunos do ensino fundamental II.

A atividades era composta pela filmagem dos alunos narrando em Libras, comentários e correção da sinalização, escrita em Língua portuguesa e reescrita do texto após as correções. Outra atividade realizada foi a de inserção de legendas nos vídeos em Libras dos alunos, essa prática contou com pesquisas, exposição em Libras do assunto com o apoio do intérprete e posteriormente uniam o que foi sinalizado com imagens, era feita a escrita em português e após a correção do texto inseriam as legendas no vídeo.

As práticas evidenciaram o desenvolvimento do potencial dissertativo tanto em Libras como em Língua portuguesa pelos alunos surdos.

IMAGEM 8 - Sequência da sinalização do texto



FONTE: Souza (2018)

IMAGEM 9 - Trecho do vídeo em Libras legendado em Língua portuguesa



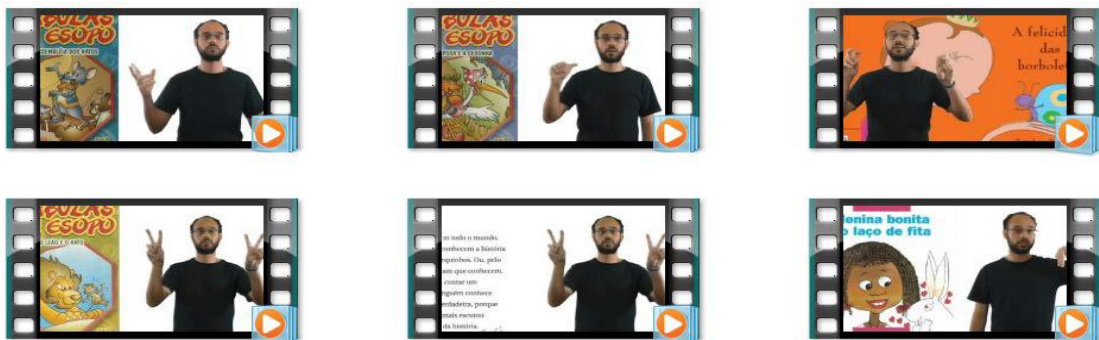
FONTE: Souza (2018)

A partir dessas atividades de filmagem com os alunos surdos, passaram a reconhecer a importância da criação de materiais acessíveis nas duas línguas, Libras e Língua portuguesa, como forma de fomentar apropriação dos conceitos pelos alunos, o que direcionou o trabalho da educação bilíngue para surdos de Niterói para o desenvolvimento de uma proposta de um Centro de Produção de Material Didático em Libras com intenção de:

[...] traduzir textos, materiais didáticos, informativos, de entretenimento entre outros e inserir QRcode correspondentes a cada texto produzido num material impresso, confeccionar apostilas para o ensino de libras como segunda língua para ouvintes e como primeira língua para surdos, registrar, por meio de vídeos, as avaliações propostas pelos professores das várias disciplinas e iniciar uma videoteca com livros traduzidos em Libras (SOUZA, 2018, p. 120).

A proposta de produção desses materiais tiveram como início versões de literatura infantil em Libras e outros textos utilizados nos primeiros anos do ensino fundamental e posteriormente foram priorizados a produção de dois tipos de materiais, os direcionados para o ensino de Libras e as histórias infantis em Libras. No início os recursos utilizados para a produção foram uma câmera, feltro verde para o plano de fundo, armários para apoiar a câmera e nenhuma edição era feita no vídeo. Com o tempo a proposta ganhou um espaço para as produções e passou a contar com equipamentos adequados como iluminação e fundo com cor apropriada para a realização de edição. Vale ressaltar que a produção desses materiais são de profissionais bilíngues que atuavam dentro da proposta de educação bilíngue para surdos. Souza (2018) considerou que os materiais produzidos foram promissores e que são bem recebidos por surdos e ouvintes no contexto escolar.

IMAGEM 10 - Produções de vídeos de histórias infantis em Libras



FONTE: Souza (2018)

Nas considerações desse trabalho o autor aponta que “ser bilíngue inclui a tarefa de produções bilíngues, com base nas quais se inaugurem formas éticas e estéticas, bilíngues, de produção em Libras/Língua portuguesa e Língua portuguesa/Libras” (SOUZA, 2018, p.139).

Ao analisar a experiência relatada por Souza (2019), percebe-se que as produções de vídeos serviram como forma de registrar a língua de sinais para favorecer a aprendizagem da Língua portuguesa na modalidade escrita. Organizou-se pelo exercício dos alunos de olharem para própria organização feita em Libras antes de organizar-se para a escrita em língua portuguesa. A atividade ofereceu aos



alunos a oportunidade de narrar e organizar o pensamento por meio da língua de sinais, favorecendo as formações de conceitos científicos trabalhados pela escola.

Destacamos da pesquisa de Souza (2018) que as práticas de produções de vídeos como registro, por auxiliarem os alunos surdos, fizeram com que eles próprios percebessem que o entendimento e a aprendizagem deles transcorre da melhor maneira na/pela visualidade.

Peluso e Lodi (2015) afirmam que a visualidade dos surdos está relacionada diretamente à materialidade da língua de sinais que está apoiada no canal visual. Essa particularidade linguística constitui-se o surdo, pois é no plano visual que ele organiza seus modos de pensar e dizer e vice-versa.

O estudo de Souza (2018) apesar de citar outras práticas de produção e uso de vídeo, não relatou como esses outros materiais alavancaram a aprendizagem dos alunos surdos em outras situações, contudo demonstrou que a língua de sinais passou a ganhar mais espaço nos materiais didáticos.

A dissertação de Celestino (2019) intitulada “Leitura, escrita e referenciação lexical em textos de alunos surdos do ensino fundamental” foi desenvolvida no curso de Mestrado profissional em Letras da Universidade Federal do Acre, com a orientação do professor doutor Alexandre M. de Souza. As palavras-chave utilizadas na pesquisa foram: Profletras, Referenciação lexical, Alunos surdos, Proposta de intervenção. Em nossas buscas o trabalho retornou com o uso do descritor “educação de surdos” AND vídeo”.

A pesquisa teve como objetivo apresentar uma proposta de desenvolvimento do uso de referenciação lexical pelos alunos surdos dos anos finais do ensino fundamental II. Segundo a autora, a referenciação contribui para melhor explanação das ideias, tornando o texto mais acessível ao entendimento. Em síntese a autora apresenta na pesquisa que a referenciação lexical pode ser entendida como a maneira com as quais se utilizam as palavras para se referir a elementos (pessoas, lugares, situações e etc.) que já foram ou serão apresentados em um texto.

As atividades foram desenvolvidas no Centro de educação de jovens e adultos, na Sala de Recursos Multifuncionais. Participaram das atividades dois adultos surdos dos anos finais do ensino fundamental. Resumimos o desenvolvimento das atividades propostas pela pesquisadora as quais compreenderam a contextualização do tema (apresentado vídeo do INES “Curupira”, produção em Libras e imagem de história da lenda em quadrinhos);

apresentação da lenda “O Curupira Surdo” narrado em Libras (vídeo produzido na pesquisa), conversa para analisar o entendimento dos alunos em relação à lenda; apresentação da lenda com a datilologia e produção de texto em Língua portuguesa sobre a lenda, com reescrita do texto após explicação e apresentação de referentes a serem utilizados para o nome Curupira surdo.

A proposta de atividade contou com a produção de um vídeo da narração em Libras da lenda adaptada “O Curupira Surdo”, esse foi um dos instrumentos utilizados na sequência de atividades para apresentar a história. A narração foi realizada por um professor de Libras. Não houve descrição de outras informações em relação à produção do vídeo pela autora do trabalho. A seguir na Imagem 11, algumas das cenas do vídeo narrando a lenda em Libras pode ser visualizada.

A autora destaca o “encantamento” dos alunos surdos com o vídeo da lenda e ressalta a importância de proporcionar a esses alunos o contato com a sua primeira língua. Essa foi uma das estratégias utilizadas na proposta para que os alunos tivessem maior compreensão do conteúdo trabalhado.

IMAGEM 11 - Trechos do vídeo da lenda narrada em Libras



FONTE: Celestino (2019)

Sobre o desenvolvimento do uso da referenciação lexical pelos alunos por meio da proposta apresentada no estudo de Celestino (2019), dos dois alunos que participaram das atividades, um apresentou no seu texto de reescrita da história o uso de referentes apresentados pela pesquisadora, além de outros diferentes, indicando a compreensão da atividade, demonstrando a utilização de outras palavras apresentadas na atividade. A autora ressalta a importância de o aluno surdo possuir fluência na Libras para que ele possa desenvolver habilidades na Língua portuguesa como segunda língua na modalidade escrita, bem como aponta para a necessidade de desenvolvimento de atividades com alunos surdos sempre partindo da língua de sinais.

O vídeo como um produto final entregue aos alunos surdos, destacou o uso da Libras como a língua adequada a singularidade dos surdos, sendo ela o meio pelo qual eles podem compreender e interagir com o assunto apresentado.

Em relação ao outro elemento de visualidade organizado no vídeo, a produção lançou mão das imagens do livro impresso para ilustrar a lenda, mas o que se destaca é a presença do narrador, ou seja da Libras, pois o contraste do narrador em relação a imagem do livro está explícito não só por aparecer dominando metade da tela, mas também por esse estar em cores.

Entendemos que a intenção do vídeo com a narração da lenda era dar evidência a língua de sinais, uma das formas de “ler” a história que foi dada aos alunos surdos na atividade proposta. Com isso, retomamos um ponto que já salientamos nesse texto de que para a compreensão da imagem é necessário levar em consideração a maneira como e por quem ela é produzida, quais são os meios disponíveis para a sua realização e quais são os significados e as intenções que estão impregnados na imagem que formam seu conteúdo. “A exploração das referências de uma linguagem implica no exame de suas características internas que a habilitam a apresentar, indicar ou representar o que ela assim o faz. Só então podemos passar para a questão da interpretação” (SANTAELLA, 2012, p. 809).

Por fim, diante das quatro produções de vídeos apresentados nas dissertações ficou em evidência em todos a importância e a centralidade dada a Libras e que o vídeo se estabelece como o instrumento/recurso didático ao qual se recorre quando a intenção é oferecer aos alunos surdos a interação com os conteúdos na língua de sinais, ou seja, como meio de tornar o conteúdo adequado a singularidade linguística. A construção dos conceitos científicos pelos alunos surdos

ocorre quando é dado a eles a oportunidade de interagirem com e pela língua de sinais, nessa interação com a língua e com o vídeo têm-se a oportunidade deles registrarem e organizarem seus pensamentos e sinalizações.

A formação de conceito ou a aquisição de sentido através da palavra é o resultado de uma atividade intensa e complexa (operação com palavra ou signo), da qual todas as funções intelectuais básicas participam em uma combinação original (VIGOTSKI, 2000, p. 168).

Dominar um conceito é conseguir formular no seu próprio pensamento, o que ele significa e o vídeo traz uma nova oportunidade de o aluno surdo interagir de maneira ativa com os sinais, se apropriando dos significados, organizando o que sinaliza numa materialidade externa, o que contribui com a organização interna de si mesmo, do seu próprio pensamento.

#### 4.1 EVIDENCIANDO AS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DE VÍDEO COM ALUNOS SURDOS

Em uma análise abrangendo as quatro dissertações evidenciamos como ponto comum em todos os vídeos produzidos a centralidade dada à Libras, o que marca a compreensão de que ao se trabalhar com alunos surdos e com conceitos científicos para o seu desenvolvimento acadêmico, os conteúdos devem ser mediados pela língua de sinais, pois ela é que favorece o entendimento e a aprendizagem.

As produções de vídeos apresentadas nos trabalhos demonstram que os sujeitos envolvidos na educação dos surdos vêm buscando novas formas de abordar as atividades com materiais mais condizentes à singularidade dos surdos, além de buscarem com os sujeitos surdos a melhor maneira de construir esses instrumentos.

As práticas de produção de vídeo apresentadas nas dissertações, mostram-se positivas visto que ainda são poucas as iniciativas de uso de imagens na educação dos surdos, conforme já é apontado por Lebedeff (2010) sobre a necessidade de instrumentalização dos profissionais que atuam na educação dos surdos para que eles possam oferecer propostas educativas mais adequadas e baseadas na visualidade da surdez.

Pudemos perceber nas produções de vídeos que o glossário de ciências apresentado na dissertação de Silveira (2015) e a narração da lenda em Libras no estudo de Celestino (2019), estiveram voltados a auxiliar os alunos surdos na interação com os conteúdos, ou seja, foram utilizados como instrumentos que acompanharam as atividades que também foram mediadas de outras formas, contribuindo para o processo educacional. E na construção da mídia pedagógica no trabalho de Contente (2017) e nas produções de vídeos como registro das narrações em Libras que foram descritas por Souza (2018) os vídeos foram utilizados como meios de aprendizagem, pois foram construídos junto com os alunos, fato que levou a formação de conceitos pelos alunos que participaram de atividades que envolveram esse processo.

As produções de vídeos que envolveram os alunos surdos no processo de elaboração mostraram-se como os mais potentes em favorecer a formação de conceitos, pois esse processo só se dá a partir da participação ativa dos alunos nas atividades, ou seja, quando é possível que eles envolvam sua atenção, memória e linguagem. Em relação aos outros tipos de produção de vídeo que não envolveram os alunos, o auxílio na formação dos conceitos pode ocorrer com o material, entretanto depende da maneira como os professores direcionam o seu uso.

Portanto, proporcionar aos alunos surdos a oportunidade de se exporem em Libras, permitindo que por meio da língua organizem o pensamento e alcancem a aprendizagem. É na interação entre a linguagem e o pensamento que a aprendizagem se constrói, no caso dos surdos as interações ocorrem essencialmente apoiadas na visualidade, é nesse plano que o surdo organiza seu pensamento e vice-versa (PELUSO; LODI, 2015). Por isso a necessidade de ao se trabalhar com surdos, utilizar materiais e práticas pedagógicas visuais.

Os alunos surdos precisam participar das atividades escolares de maneira significativa e isso só é possível se eles se expressarem pela língua de sinais, expuserem seus pensamentos, perguntarem, responderem, compartilharem ideias, ressignificarem por meio da língua de sinais as atividades que estão ocorrendo externamente a si e para que tornem parte do seu pensamento. O signo medeia a atividade externa para a interna, assim a formação de conceitos nos alunos surdos só ocorre quando os signos utilizados são acessíveis, ou seja, quando ocorrem pela língua de sinais. Sobre esse processo resgatamos a citação de Freitas (2010):

O processo de formação do funcionamento mental dá-se à medida em que os sujeitos são afetados por signos e sentidos produzidos nas relações com os outros. As ações humanas adquirem múltiplos significados e sentidos, tornando-se práticas significativas, a depender das posições e dos modos de participação dos sujeitos nas interações. A questão da apropriação relaciona-se com o outro e os diferentes modos de participação desse outro nas práticas sociais. Nessa compreensão, a apropriação não se define como questão de posse ou de domínio individualmente alcançado, mas explica-se como uma questão de pertencer e participar nas práticas sociais. Em tais práticas o sujeito se constitui nas relações significativas (FREITAS, 2001, p. 14-15).

No processo de formação dos conceitos, além dos signos, o uso do instrumento também é fundamental nas interações que constituem a aprendizagem, pois ele também tem função mediadora. As produções de vídeo apresentadas pelas dissertações mostraram que o vídeo compatível à língua de sinais possibilita o registro do que o aluno surdo e por meio desse registro permite que ele organize seu próprio pensamento. Nesse tipo de produção, o vídeo como registro destaca-se como o mais potente para desenvolver e envolver a aprendizagem dos alunos surdos.

Desta maneira, além do vídeo, elaborar outras formas de representações visuais podem favorecer a aprendizagem dos sujeitos surdos que são constituídos por uma língua de materialidade visual. Esta é uma responsabilidade da escola junto a este público, adequando-se não apenas às necessidades dos alunos surdos, mas de toda uma geração que nasceu imerso no uso de imagens e que se constituem a partir dessa linguagem. A escola precisa acompanhar essas mudanças, pois o ensino tradicional – baseado apenas no livro didático e na oralidade – pouco desperta o interesse dos alunos pelo conhecimento. Essa responsabilidade que a escola deve assumir reporta-nos ao que afirma Vigotski (2018) sobre a importância do meio no qual interage o indivíduo que está se formando, esse meio deve oferecer o que se espera como resultado no desenvolvimento, pois o meio tem papel de fonte de desenvolvimento, indo além do contato com ambiente, mas a qualidade e a presença de formas ideais do desenvolvimento que vão interagir com o indivíduo em formação.

Assim, entendemos que a escola deve buscar proporcionar práticas pedagógicas que envolvam a produção de vídeo com os alunos surdos. Práticas essas nas quais os alunos possam ser filmados narrando na sua própria língua, como alternativa a produção de textos escritos ou mesmo para auxiliar nessa escrita como foi apresentada no trabalho de Souza (2018), podendo ser utilizado como

registro de avaliações e trabalhos extra-classe. Essas alternativas nas quais o vídeo pode ser utilizado como registro da língua de sinais mostraram-se como as mais potentes para a aprendizagem, pois dão espaço para o narrar e para o registro na própria língua, esses são meios para a organização do pensamento que favorecem de fato a aprendizagem e conseqüentemente o desenvolvimento dos alunos surdos. Os outros tipos de produções como os vídeos de narração de histórias ou apresentação de conteúdos em Libras somadas aos usos de imagens ilustrativas, também se configuram como auxiliares na educação dos surdos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo investigar dissertações e teses que apresentassem o tema “produção de vídeo na escola para alunos surdos” nas bases de dados eletrônicas Catálogo de teses e dissertações da Capes e da Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações, no período de 2005 a 2019. Em relação aos objetivos específicos, caracterizamos os estudos encontrados, descrevemos e analisamos as produções de vídeo realizadas nas escolas que foram apresentadas nas dissertações, com base no referencial teórico histórico-cultural do desenvolvimento, mais especificamente sobre a formação de conceitos científicos e as questões de visualidade para surdos.

Com a investigação obtivemos como resultados de trabalhos que produziram vídeo na escola para alunos surdos, quatro dissertações, o que mostrou que tema ainda pouco discutido em produções de cursos de pós-graduação, em relação aos anos nos quais foram produzidos os trabalhos (2015, 2017, 2018 e 2019), ressaltam a atualidade do tema.

Em relação aos procedimentos metodológicos adotados nessa pesquisa ao realizarmos a revisão sistemática optamos por utilizar duas bases de dados eletrônicas com o intuito de ampliar as chances de encontrarmos teses e dissertações circunscritos ao tema, entretanto para uma revisão sistemática além da importância da fonte de dados, salienta-se a importância de buscar por palavras-chave que possam ampliar as possibilidades de resultados com o tema definido.

As análises das produções de vídeos apresentadas nos trabalhos encontrados nas buscas dessa pesquisa trouxeram aspectos interessantes sobre como os vídeos estão sendo direcionados aos alunos surdos. As produções de vídeos apontaram maneiras diferentes de abordar e auxiliar a educação dos alunos surdos, algumas mostram-se mais efetivas do que as outras em relação à formação de conceitos científicos, mas todas se configuram como formas de apoiar a educação dos alunos surdos.

Os vídeos produzidos na escola para os alunos surdos, apresentados nas dissertações analisadas nessa pesquisa, apontaram a utilização das produções de maneiras distintas, algumas com o foco de auxiliar os alunos surdos considerando o vídeo como instrumento que acompanha a prática pedagógica e outras



considerando o processo de produção de vídeo **com** os alunos surdos, com o objetivo de fazê-los aprender e realmente conseguir elaborar conceitos científicos.

Ressaltamos as práticas que utilizam o processo de produção de vídeo com os alunos surdos, visto que essa escolha favoreceu o trabalho com a exposição e o registro da língua, aspecto importante pois, ao dar aos alunos surdos a oportunidade de interação, registro e organização do pensamento em sua primeira língua auxiliase de fato a construção de conhecimento desses alunos.

Assim, em relação a este estudo pudemos concluir que apesar dos poucos estudos encontrados com o tema, as iniciativas de produções de vídeos na escola para alunos surdos são utilizadas e contribuem para evidenciar que o vídeo é um instrumento que pode auxiliar a educação dos surdos, não só por se constituir por imagens, mas por possibilitar a presença da Libras em sua organização e apresentação. E que produzir vídeos com os aluno surdos, colocando-os em interação com a atividade que demandem da participação ativa e significativa, pode refletir na aprendizagem e no desenvolvimento desses alunos.

Esperamos que este estudo possa contribuir com a atuação de profissionais envolvidos na educação dos surdos no que diz respeito a produção de vídeos, tendo nos trabalhos apresentados nesse estudo exemplos de como organizar e usar esse tipo de recurso, mas também como um material para reflexão sobre o processo de formação dos conceitos científicos que envolvem a participação ativa do aluno surdo por meio da língua de sinais e do registro que favorece a organização e desenvolvimento da sua língua e seu pensamento.

Em relação ao acesso dessas produções de vídeos, somente Contente (2017) disponibilizou a mídia pedagógica em portal de acesso aberto, o portal eduCapes de objetos educacionais. Já o trabalho de Souza (2018) disponibilizou o no *YouTube* os vídeos de algumas práticas citadas. O compartilhamento das produções de vídeos voltados à educação de alunos surdos poderia trazer maior visibilidade a esse tipo de práticas pedagógicas, o que poderiam incentivar também os seus usos na educação dos surdos.

Por fim, apontamos que trabalhos futuros podem contribuir para o aprofundamento desse tema de estudo buscando evidenciar práticas de produções de vídeos na escola para alunos surdos em artigos, resumos e relatos de experiência publicados em revistas ou em anais de congresso de educação, educação de surdos e educação especial.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto Alves de. **Hipervídeo na Educação de Surdos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro tecnológico, Florianópolis, 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.436**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 24 abr. 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 22 dez. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRETTAS, Kátia Parreira. **A inclusão matemática de um aluno surdo na rede municipal de Juiz de Fora mediada por um professor colaborativo surdo de Libras atuando em bidocência**. 2015. Dissertação (Mestrado profissional) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática - Universidade Federal de Juiz de fora, Juiz de Fora. 2015.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**. Belo Horizonte. v. 05, n. 11, p. 121-136. maio-ago. 2011. Disponível em: <https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220> Acesso em: jun. 2018.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação de Educação - Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

CARLOS, Heloá Caramuru. **Atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem de surdos e deficientes auditivos sobre parasitoses intestinais**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2017.

CARVALHO, Andréa dos Guimarães de. **O trabalho colaborativo do intérprete de Libras no ensino de português para surdos na escola regular de educação básica**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2014.

COZENDEY, Sabrina Gomes. **A Libras no ensino de leis de Newton em uma turma inclusiva de ensino médio**. 2013. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

CELESTINO, Emanuely Monteiro. **Leitura, escrita e referenciação lexical em textos de alunos surdos do ensino fundamental**. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2019.

CONTENTE, Márcia Pantoja. **Ensino de ciências por meio da produção de uma mídia pedagógica: o vivido e o concebido por estudantes surdos durante aulas sobre as angiospermas**. 2017. Dissertação (Mestrado em Docência em Educação em Ciências e Matemáticas) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

COSTA, Angelo Brandelli; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto. Como escrever um artigo de revisão sistemática. *In*: KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. de P.; HOHENDORFF, J. V. **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014, p. 55-70.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (Capes). **Catálogo de Teses e Dissertações**. 2019. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>. Acesso em: 08 dez. 2019

DUARTE, Jamille Souza. **Ensino de ciências numa perspectiva bilíngue para surdos: uma proposta usando mídias**. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2014.

FERRAZ, Tassia Alessandra de Souza. **Alternativas no ensino de microbiologia para a inclusão de alunos surdos**. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação Científica para Professores de Biologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

FERREIRA, Alessandra Teles Sirvinskas. **Cultura corporal do movimento: cinco cantigas de roda para alunos surdos**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2017.

FREITAS, Ana Paula. **Zona de desenvolvimento proximal: a problematização do conceito através de um estudo de caso**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas, 2001.

FREITAS, Neli Klix. Representações mentais, imagens visuais e conhecimento no pensamento de Vygotsky. **Ciências & Cognição**. v. 06, p. 109-112. nov. 2005. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/540>>. Acesso em: 01 out. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓES, Maria Cecília Rafael; CRUZ, Maria Nazaré. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vygotski. **Pro-Posições**, v. 17, n. 2, p. 31-45. maio-ago. 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643627> Acesso em: 10 jun. 2019.

HOROWICZ, Noemi Beneques. **Videoaulas sobre artes em Libras: ferramentas para o fomento da criatividade e sustentabilidade**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)**. 2019. Disponível em: <<http://bdtb.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 08 dez. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Thesaurus Brasileiro da Educação**. 2019. Disponível em: <<http://inep.gov.br/thesaurus-brasileiro-da-educacao>>. Acesso em: 13 set. 2019.

KAWASE, Eduarda Megumi. **Opinião de alunos surdos sobre vídeos em língua brasileira de sinais como recurso didático**. 2015 (Trabalho de Conclusão de Curso) - Licenciatura em Educação Especial - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: Trabalhando com sujeitos surdos. **Caderno do Cedes**, Campinas, v. 20, n. 50, p. 70-83, 2000.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Surdez e linguagem: implicações para as práticas Educacionais. In: MELETTI, S. M. F.; KASSAR, M. C. M. (Orgs.). **Escolarização de Alunos com Deficiências - Desafios e Possibilidades**. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013, v. 1, p. 171-202.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; LODI, Ana Claudia Balieiro. **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos.; CAETANO, Juliana Fonseca. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, C. B. F. de.; SANTOS, L. F. dos. **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 185-200.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira. dos.; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. **Escola e diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos**. 1 ed. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. **Cadernos de Educação**, Faculdade de Educação – UFPel. Pelotas-RS, n. 36, p. 174-195, maio-ago 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1606/1489> Acesso em: 15 set. 2019.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto 5.626/05. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. V. 39, n. 01, p. 49-63. Jan.-mar. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022013000100004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022013000100004&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: maio 2018.

MEGALE, Antonieta. Bilinguismo e Educação Bilíngue. In: MEGALE, A. **Educação bilíngue no Brasil**. São Paulo: Fundação Santillana, 2019. p. 13-28.

MORAN, José Manuel. Contribuições das tecnologias para a transformação da educação. **Revista Com Censo**, v. 5, n. 3, p. 8-10, ago. 2018. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/08/Entrevista\\_Tecnologias\\_Moran\\_Com\\_Censo.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/08/Entrevista_Tecnologias_Moran_Com_Censo.pdf) Acesso em: jan. 2020

MORAN, José Manuel. Por que avançamos tão devagar na educação? **Educação transformadora**. 2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/11/devagar.pdf> Acesso em: jan. 2020.

MORAN, José Manuel. Vídeos são instrumentos de comunicação e de produção. **Portal do Professor do MEC**, p. 1- 4, 06 mar. 2009. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_eduacacao/videos.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/videos.pdf) Acesso em: jan. 2020.

PELUSO, Leonardo.; LODI, Ana Claudia Balieiro. La experiencia visual de los sordos. Consideraciones políticas, lingüísticas y epistemológicas. **Pro-Posições**. Campinas-SP, v. 26, n. 3, p. 59-81, set.-dez. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072015000300059&script=sci\\_abstract&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072015000300059&script=sci_abstract&tlng=es) Acesso em: 20 maio 2019.

RAMOS, Denise Marina. **Educação de surdos**: estudo bibliométrico de teses e dissertações (2010-2014) 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Especial - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP, 2017.

RAMOS, Maria Inês Batista Barbosa. **Audiovisual em Libras**: os sentidos construídos por professores sobre o vídeo Sinalizando a Sexualidade. 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências e Saúde - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

REILY, Lucia. Recursos pedagógicos: A imagem em duas dimensões e a imagem em movimento. In: REILY, L. **Escola inclusiva**: Linguagem e mediação. Campinas-SP: Papirus, 2004. p. 25-48.

ROSA, Charles Castro da. **O ensino da matemática através da Libras para o ensino médio**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática) - Universidade Federal do Amapá, Macapá. 2016.

SÁ-LIMA, Mariana Araguaia de Castro. **Desenvolvimento de videoaula de Ciências para estudantes surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis. 2016.

SAMPAIO, Rosana. F.; MANCINI, Marisa. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**. São Carlos- SP, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan.-fev. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-35552007000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013)  
Acesso em: 18 abr. 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2012. *E-book*.

SANTOS, Lara Ferreira dos. **O fazer do interprete educacional**: práticas, estratégias e criações. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Especial – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP, 2014.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual**: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2010.

SILVEIRA, Luciane Cruz. **Glossário em LIBRAS e a aquisição dos conteúdos programáticos de ciências pelos alunos surdos**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

SKLIAR, Carlos. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. **Educação e exclusão**: abordagens socioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 105-153.

SOUZA, Robson de. **Protagonismo bilíngue**: uma experiência, duas línguas, vários sujeitos e a escola. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

TAVARES, Eliane Barth. **Citologia para estudantes surdos**: uma unidade de ensino potencialmente significativa. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus. 2018.

TAVEIRA, Cristiane Correia. **Por uma didática da invenção surda**: prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

TEIXEIRA, Francisco Rafael Pereira. **O uso de aplicativos para deficientes auditivos**: uma alternativa para o ensino de Física. 2017. Dissertação (Mestrado

Nacional Profissional em Ensino de Física) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. [1896-1934]. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Organização [e tradução] Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Claudia da Costa Guimaraes Santana. 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. [1869-1934]. **A construção do pensamento e da linguagem** / L. S. Vigotski. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba. V. 14, n. 41, p. 165-189. Jan.-abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2317> Acesso em: maio 2018.